

GENEZPABLA ALBERGARIA

PROJEÇÃO FIGURATIVA E EXPANSÃO CATEGORIAL NO PB:
O CASO DE UM *FRAME* 'ANIMAL'

Juiz de Fora
2008

GENEZPABLA ALBERGARIA

PROJEÇÃO FIGURATIVA E EXPANSÃO CATEGORIAL NO PB:
O CASO DE UM *FRAME* 'ANIMAL'

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Neusa Salim Miranda

Juiz de Fora
2008

Albergaria, Genezpabla

Projeção figurativa e expansão categorial do PB: o caso de um *frame* “animal” / Genezpabla Albergaria. -- 2008.
107 f. :il.

Dissertação (Mestrado em Linguística)-Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2008.

1. Semântica. 2. Metáfora. 3. Polissemia. I. Título

CDU 801.54

GENEZPABLA ALBERGARIA

PROJEÇÃO FIGURATIVA E EXPANSÃO CATEGORIAL NO PB:
O CASO DE UM *FRAME* 'ANIMAL'

Dissertação de Mestrado submetida à Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito à obtenção do título de Mestre em Linguística.

Aprovada em 29/09/2008

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Neusa Salim Miranda – Orientadora –
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof^ª. Dr^ª. Marta Cristina da Silva
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof^ª. Dr^ª. Solange Coelho Vereza
Universidade Federal Fluminense

Juiz de Fora
2008

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Professora Neusa Salim Miranda, pelo exemplo de ética, competência, generosidade e, sobretudo, pela compreensão de que ninguém nasce grande, tampouco cresce sozinho. Agradeço também pela paciência gigante e pelas duras críticas, porém muito oportunas.

À minha família, pelo esforço em apoiar as minhas escolhas, mesmo sem entender a minha busca. Pelo incentivo, pelo carinho e por respeitar minha presença quase ausente durante todo este período de escrita da dissertação.

Às amigas Rita de Cássia e Silésia, pela presença constante, pela palavra amiga, pelo convite à perseverança, a soma destes fatores fez com que as dificuldades encontradas não constituíssem obstáculos.

Aos colegas de mestrado, em especial Natália, Robledo, Emerson, Lara e Lívia Miranda, por me ajudarem a enfrentar os medos e desafios com paciência e bom humor. Conviver com vocês é uma oportunidade de entender que, na maioria das vezes, **a estrada não pode ser trocada, mas o caminho pode ser pavimentado.** Obrigada por fazerem parte da minha estrada.

Aos bolsistas de Iniciação Científica Anna Carolina Carrara, Ana Carolina Morgado, Natália Zampieri e Paulo Rodrigues, agradeço pela colaboração no tratamento do *corpus*, pelo envolvimento, seriedade e responsabilidade com a pesquisa, tornando possível a realização deste trabalho.

Aos coordenadores, professores e demais funcionários do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Juiz de Fora, pelo profissionalismo, dedicação e empenho em oferecer-nos uma formação de excelente qualidade.

RESUMO

O presente estudo constitui-se como um subprojeto que integra o macro-projeto Construções Superlativas no Português do Brasil – Uma Abordagem Sociocognitiva (MIRANDA 2007) - e tem como objeto de pesquisa o processo de mudança semântica e categorial que, tendo como domínio-fonte o **frame de animal** (itens lexicais 'animal', 'bicho', 'fera', 'monstro' e 'gigante'), resulta em um **frame de escala**, como ilustram os exemplos a seguir: *Irritado, Animal acaba com treino do Verdão; Skol gelada é o bicho!; Você, fera na cama!; Festival reúne feras do jazz; TV 'monstra' chega ao mercado brasileiro por R\$ 299 mil; Zoomp compra quatro grifes e vira gigante da moda*. Este trabalho, de viés sociocognitivo, tem como escopo teórico central as bases pré-conceptuais (Categorias de Nível Básico e Esquemas Imagéticos) e conceptuais (Domínios Conceptuais ou *Frames*, Metáfora e Metonímia) do nosso processo de categorização, ancoradas nos estudos de Lakoff & Johnson (1980,1987, 1999), Fauconnier & Turner (2002), Tomasello (2003), Croft (2004), Fillmore (2007), Talmy (2000); Geeraerts (2007). Dada a relevância do **uso** lingüístico em nossa agenda investigativa, a Linguística de *Corpus* (Sardinha 2004; Alúcio e Almeida 2006) se constituiu como a escolha metodológica. Com o intuito de espelhar, de fato, o comportamento de uso dos itens lexicais em foco, nossa base empírica consiste em um *corpus* específico obtido através de pesquisa na internet, no site de revistas da Editora Abril (ABRIL.COM), no CETENFolha/Folha de São Paulo, no G1 – Portal de Notícias da Globo.com, em blogs e em comunidades de relacionamento do Orkut. O eixo norteador de nossa análise consiste em: (i) Descrever a dimensão semântico-pragmática e formal da rede lexical em foco; (ii) Desvelar a motivação conceptual – esquemas imagéticos e processos metafóricos e metonímicos – dessa rede de modo a compreender os

possíveis elos cognitivos que a instituem. Neste sentido, nossa pesquisa apresenta os seguintes resultados: a confirmação em nosso *corpus* da primeira de nossas hipóteses, qual seja, a de que está em curso um processo de expansão lexical em que os itens lexicais ('animal', 'fera', 'bicho', 'monstro', 'gigante') que integram o nóculo da rede metafórica do *frame* 'animal' passam a atuar como OPERADORES SEMÂNTICOS DE ESCALA, compondo uma rede polissêmica. Em termos da expansão morfossintática, passamos a ter um padrão duplo: (1) o SN2 (com sentido metafórico) mantém a função de substantivo: o que ocorre em 68,7% das ocorrências analisadas e (2) é sintaticamente reanalisado como um adjetivo, com estatuto de adnominal ou predicativo, como podemos verificar em 31,3% das ocorrências. Os resultados mostram, em síntese, que os processos de mudança semântica dessa rede lexical se fazem de uma maneira mais ostensiva, robusta do que os morfossintáticos. Em termos da motivação conceptual, pudemos apresentar a relevância do esquema imagético de força (Modelo da Dinâmica das Forças) na configuração de um cenário agonístico, perspectivizado pelas construções lexicais em foco. De igual modo, apresentamos a METÁFORA CONCEPTUAL DA GRANDE CADEIA que nos permite compreender de que forma os itens lexicais do *frame* conceptual de 'animal' passam a referenciar seres de outra ordem, como 'humanos' (PESSOAS SÃO ANIMAIS) e 'entidades' (OBJETOS COMPLEXOS SÃO ANIMAIS).

Palavras-chave: Semântica Lexical. Metáfora. Polissemia.

ABSTRACT

This study is a subproject which makes part of the macroproject Superlative Constructions of the Brazilian Portuguese – A Sociocognitive Approach (MIRANDA, 2007) – and has as a research object the semantic and categoric change which, having as source domain the **frame of animal** (lexical items ‘animal’, ‘bicho’, ‘fera’, ‘monstro’ and ‘gigante’), results from a **scale frame**, as illustrated by the following examples: *Irritado, Animal acaba com treino do Verdão; Skol gelada é o bicho!; Você, fera na cama!; Festival reúne feras do jazz; TV 'monstra' chega ao mercado brasileiro por R\$ 299 mil; Zoomp compra quatro grifes e vira gigante da moda.* This work, of sociocognitivism base, has as a central theoretical scope the preconceptual bases (Basic level categories and image schemas) and conceptual bases (Conceptual Domains or *Frames*, Metaphor and Metonym) of our categorizing process, anchored on the studies by Lakoff & Johnson (1980,1987, 1999), Fauconnier & Turner (2002), Tomasello (2003), Croft (2004) and Fillmore (2007), Talmy (2000); Geeraerts (2007). Because of the linguistic **usage** in our investigative purpose, the *Corpus Linguistics* (Sardinha 2004; Aluísio and Almeida 2006) motivated our methodological choice. Attempting to actually unveil the usage behavior of the lexical items, our empiric base consists of a specific *corpus* collected through internet researches on: Editora Abril magazine site (ABRIL.COM), CETENFolha/Folha de São Paulo, G1 – Globo.com News website, blogs and on Orkut relationship communities. The main purpose of our analysis is: (i) to describe the semantic-pragmatic and formal dimension of the focused lexical net; (ii) to unveil the conceptual motivation – image schemas and metaphoric / metonymic processes – of this net in order to understand the possible cognitive links which compose it. This way, our research presents the following results: the confirmation in our *corpus*

of our first hypothesis, that is, that there has been a process of lexical expansion in course in which lexical items ('animal', 'fera', 'bicho', 'monstro', 'gigante') that integrate the nodes of metaphoric net of the *frame* 'animal' turn out to be SEMANTIC OPERATORS OF SCALE, forming a polysemic net. In terms of the morphosyntactic expansion, we tend to have a double standard: (1) the NP2 (with metaphoric meaning) keeps its noun function: present in 68.7% of the analysed occurrences and (2) is syntactically re-evaluated as an adjective, with adnominal or predicative function, as perceived in 31,3% of the occurrences. The results show, in short, that the change processes on the lexical rede happen more ostensively and robustly than the morphosyntactic ones. In terms of the conceptual motivation, we could present the relevance of the image schema of force (force dynamic Model) in the configuration of an agonistic scene, perspectivized by the focused lexical constructions. Moreover, we presented the THE GREAT CHAIN METAPHOR which leads us to figure out how the lexical items of the conceptual frame of 'animal' tend to refer to beings of another order, like 'humanos' (PEOPLE ARE ANIMALS) and 'entidades' (COMPLEX OBJECTS ARE ANIMALS).

Keywords: Lexical semantics. Metaphor. Polissemia.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

TABELA 1 – Extensão do <i>Corpus</i>	48
TABELA 2 – Relação de Corpora Tratados Destinados à Pesquisa Linguística	51
TABELA 3 – Dimensão e Distribuição do <i>Corpus</i> Específico.....	52
QUADRO 1 – Entidades do <i>Frame</i> de ‘Animal’ e sua atuação como Operadores Escalares.....	65
QUADRO 2 – <i>Frame</i> Básico de POSIÇÃO EM UMA ESCALA	66
QUADRO 3 – Motivação Metafórica do Domínio Animal.....	76
TABELA 4 – Relação entre Item Lexical, Frequência e Expansão Categorical	85
TABELA 5 – Descrição e distribuição dos types do item lexical BICHO	90
TABELA 6 – Descrição e distribuição dos types do item lexical FERA	92
TABELA 7 – Descrição e distribuição dos types do item lexical ANIMAL	93
TABELA 8 – Descrição e distribuição dos types do item MONSTRO	94
TABELA 9 – Descrição e distribuição dos types do item GIGANTE.....	95

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. POR UMA ABORDAGEM SOCIOCOGNITIVA DA LINGUAGEM	14
2.1 A Capacidade Simbólica e a Emergência da Linguagem	17
2.2 Processos de Conceptualização e Categorização.....	19
2.2.1 Categorias de Nível Básico.....	22
2.2.2 Esquemas Imagéticos.....	24
2.2.2.1 O Modelo de Dinâmica das Forças.....	25
2.2.3 Domínios Conceptuais ou <i>frames</i>	26
2.2.4 Processos Figurativos: Metáfora e Metonímia	30
2.2.4.1 A Teoria Integrada da Metáfora Primária.....	33
2.2.4.2 A Interação Metáfora e Metonímia.....	37
2.2.4.3 Metáfora e Cultura	40
2.3 A Questão da Mudança Semântica e da Polissemia	41
3. PROJEÇÃO FIGURATIVA E EXPANSÃO CATEGORIAL NO LÉXICO DO PB: O CASO DE UM <i>FRAME</i> 'ANIMAL'	44
3.1 Metodologia: a Parceria entre a Linguística de <i>Corpus</i> e a Linguística Cognitiva.....	46
3.1.1 O <i>Corpus</i>	47
3.1.2 A Constituição do <i>Corpus</i> : Dimensão e Natureza.....	50
3.2 A Contribuição dos Dicionários.....	54
3.2.1 Contribuições e Limites dos Estudos Lexicográficos Tradicionais.....	60
3.3 A Rede Lexical do Domínio 'Animal' como Operadora Escalar	62
3.3.1 A Dimensão Semântico-Pragmática de uma Rede Lexical 'Animal'	63
3.3.2 A Motivação Metafórica e Metonímica para a Rede Lexical 'Animal'	69
3.3.3 As Metáforas Conceptuais Concernentes ao <i>Frame de Animal</i>	79
3.3.3.1 A Motivação Metonímica para a Rede Lexical do <i>Frame de 'Animal'</i>	81
3.4 A Dimensão Formal – o Estágio do Processo de Recategorização.....	83
3.4.1 A relação type/token dentro da configuração do padrão construcional.....	89
4 CONCLUSÃO.....	100
REFERÊNCIAS.....	104
ANEXO.....	107

1. INTRODUÇÃO

Somos animais. Lutamos por nossos objetivos, rivalizamos com os outros, defendemos o nosso território, adoramos competir. Estabelecemos estratégias para alcançar a liderança, para destruir o inimigo, para acabar com a concorrência. Gostamos de andar em bando, principalmente se forem nossos co-específicos. Mas também somos o animal que se desagrega, se desgarrar, que deseja desincumbir-se do outro, quieto num canto, sem conversa. O pior e o melhor da natureza animal residem em nós, sempre próximo à superfície, pronto para emergir. *Viramos bicho* se alguém pisa no nosso calo; mas ficamos hipnotizados diante um *monstro sagrado*; computador e carro não basta ser bom, tem que ter um desempenho *monstro...*

É a partir deste tema tão visceral e capaz de evocar cenas em suas mais diversas significações que o presente estudo se situa, tencionando investigar o processo de expansão figurativa e categorial através de um estudo de caso, qual seja, um *frame* 'animal'. Nossa hipótese analítica é a de que teríamos como domínio-fonte o **frame de animal** (itens lexicais 'animal', 'bicho', 'fera', 'monstro' e 'gigante'), que resulta em um **frame de escala**, como ilustram os exemplos abaixo:

- (1) *O café da manhã dos caras vai ser "animal".* (CETENFolha - Folhateen)
- (2) *Conhecer lugares sensacionais é, sim, muito bacana. Mas revê-los depois de um tempo... Cara, deve ser o **bicho!*** (Viajeaqui)
- (3) *Enfrentada de modo adequado, a Matemática se torna uma **fera** dócil.*
(Super)
- (4) *Coração na boca, frio na barriga e ansiedade **monstra!!!!*** (blog)
- (5) *No interior de cada **gigante** da honestidade há um anão desonesto à espreita, pronto para escapulir.* (CETENFolha - Opinião)

O presente estudo constitui-se como um subprojeto que integra o macroprojeto Construções Superlativas no Português do Brasil – Uma Abordagem Sociocognitiva (MIRANDA 2007). Sob a perspectiva da Linguística Cognitiva, os constructos teóricos principais deste projeto são os modelos de conceptualização e categorização (Fauconnier e Turner 1997, 2002; Tomasello 1999, 2003; Croft 2004; Fillmore 2007) e a Teoria Conceptual da Metáfora e da Metonímia (Lakoff e Johnson 1980, 1999; Barcelona 2003), tomados a partir da questão da mudança semântica e do efeito polissêmico. A contribuição dos estudos em Linguística de *Corpus* (SARDINHA 2004; ALUÍSIO e ALMEIDA 2006) é também incorporada ao presente trabalho, de modo a obter, através das ferramentas eletrônicas disponibilizadas, dados substantivos, extraídos de corpora naturais, heterogêneos, com diferentes graus de formalidade.

No segundo capítulo começamos pela apresentação de um breve panorama de duas correntes teóricas de grande relevância no cenário das Ciências Cognitivas, seus princípios e métodos de investigação. Na seção 2.2 passamos à apresentação das bases pré-conceptuais (Categorias de Nível Básico e Esquemas Imagéticos, e conceptuais do nosso processo de categorização (Domínios Conceptuais ou *Frames*).

A seção 2.2.4 é dedicada aos processos de projeção figurativa, compreendidos a partir das teorias cognitivas da metáfora e da metonímia e seus desdobramentos (A Teoria Integrada da Metáfora Primária e a caracterização das Metáforas Complexas). Estendemos nossa discussão de forma a pontuar algumas críticas e novos olhares sobre a Teoria Conceptual da Metáfora e sua relação com a cultura, incluindo considerações sobre a Interação Metáfora e Metonímia (seções 2.2.4.2 e 2.2.4.3).

Como o foco de nossa pesquisa é a mudança semântica e escalarização de um *frame* 'animal', na seção final traçamos um breve panorama dos estudos sobre a Polissemia e a construção do significado, ambos de grande relevância para a Semântica Cognitiva.

O capítulo 3 apresenta nosso objeto de pesquisa, a metodologia utilizada durante a investigação e nossa proposta de análise. Procedemos à análise do trabalho lexicográfico registrado em dicionários do PB, de forma a verificar como o fenômeno da expansão figurativa é tratado pelos mesmos. Os resultados quantitativos e qualitativos de nossa pesquisa de *corpus* são apresentados de modo a configurar uma rede lexical do domínio 'animal' como operadora escalar. As multidimensões dessa rede (semântica, pragmática e formal) são descritas, assim como as motivações conceptuais (estruturas pré-conceptuais, conceptuais e projeções figurativas) que sustentam sua metamorfose categorial.

No último capítulo apresentamos nossas conclusões sobre este estudo, enfeixando os principais ganhos analíticos obtidos acerca da rede lexical estudada.

2. POR UMA ABORDAGEM SOCIOCOGNITIVA DA LINGUAGEM

Entendido em sua dimensão mais ampla, o empreendimento cognitivista da linguística, vinculado às Ciências Cognitivas, pode ser definido como:

uma abordagem que surgiu na década de 1950, como uma reação ao então dominante Behaviorismo, que se propunha a estudar o ser humano exclusivamente partindo de suas reações a determinados estímulos, ou seja, partindo do comportamento externamente observável e mensurável, sem nenhum recurso a explicações que contivessem referência a “estados mentais”, “intenções”, “vontades” ou qualquer outro elemento interno e subjetivo. (Mussalim e Bentes 2003 apud Koch 2003, p. 252)

Tomado nesta dimensão, tal programa tem como agenda principal a revisão de princípios e métodos de investigação, de forma a contemplar como objeto de estudo a linguagem em sua intrincada relação com a mente e o conhecimento.

A partir desse foco mais amplo, duas grandes correntes, com perspectivas teórico-analíticas largamente diferenciadas, se erguem a partir da segunda metade do século XX. A primeira, nomeada como Gramática Gerativa e encabeçada por Noam Chomsky, é erigida a partir da década de 50 e, hoje, tem o peso histórico de cinco décadas de um sólido programa investigativo. Tal vertente, também conhecida como Empreendimento Mentalista, já evidencia pelo adjetivo, o alvo a ser perseguido qual seja, a primazia aos aspectos internos, mentais, individuais, inatos e universais do processamento lingüístico. A segunda vertente, não convencida de que a linguagem possa ser vista e explicada de forma isolada, como um produto universal de uma mente idealizada, separada do corpo que a abriga ou mesmo do meio em que se institui, sustenta a hipótese da base experiencial da linguagem (experiência física, social, cultural). Recebendo o rótulo de Linguística Cognitiva, tal paradigma começa a ganhar força a partir do final da década de 70, em especial

com os trabalhos de Fillmore, para se instaurar, de modo mais veemente, nas décadas seguintes, através dos estudos de Lakoff e Johnson, Lakoff e Turner, de Langacker e Talmy (cf. Silva 1997).

Como premissa básica, tal vertente apresenta o princípio de que a cognição, **situada e distribuída**, é um conjunto de modos ou sistemas, sendo a linguagem um modo da cognição (não um módulo autônomo!). Dito de outro modo, significa afirmar que os princípios da cognição humana se aplicam a todos os seus módulos, como percepção auditiva, visual e memória, inclusive à linguagem. Portanto, nega-se que os instrumentos cognitivos sejam exclusivos da linguagem, em favor de igual integração entre os sistemas próprios da linguagem (continuum entre léxico, gramática e discurso). Nos termos de Croft (2004, p.2), tal perspectiva teórica implica o reconhecimento de que a representação do conhecimento lingüístico e de outras estruturas conceptuais é essencialmente a mesma, e de que as habilidades cognitivas que os seres humanos usam fora do domínio da linguagem não são fundamentalmente diferentes dos processos nos quais o conhecimento lingüístico é utilizado.

Uma agenda de estudos coerente com tais premissas vai trazer para o centro da discussão o papel da experiência nos processos de conceptualização e categorização perspectivizados pela linguagem. Assim, de acordo com Silva (1997, p.59), a Linguística Cognitiva é uma abordagem da linguagem perspectivizada como meio de conhecimento e em conexão com a experiência humana no mundo. A experiência é, portanto, o divisor de águas entre a primeira e a segunda geração da agenda cognitivista da linguagem. Enquanto a primeira geração, ao prever a linguagem como uma faculdade cognitiva autônoma, promove uma radical separação mente-corpo e caracteriza a experiência como um mero “gatilho”; a segunda geração (Lakoff 1987, Lakoff e Johnson 1980, Lakoff e Johnson 1999,

Turner 2002, dentre outros), converge para uma visão corporificada do pensamento (Realismo Corporificado), o que implica afirmar a capacidade de conceptualizar o mundo como fruto de experiências sensório-motoras básicas do corpo humano. Nessa perspectiva, o sentido não é uma associação arbitrária entre signos e coisas, mas um processo no qual conceptualizamos e compreendemos o mundo a partir de nossa experiência (física, corporal, social e cultural). Reiterando nossa afirmação, Silva postula que a questão do sentido exige um olhar para o triângulo linguagem, cognição e cultura, de modo a capturá-lo em seus mais variados aspectos.

Crucialmente, esperamos contribuir para evidenciar, com a Linguística Cognitiva e no que esta tem de especificamente mais cognitivo, que toda a linguagem é acerca do significado e que o significado é perspectivista (não reflecte objectivamente o mundo, mas modela-o, constrói-o de determinada maneira ou perspectiva e, assim, de muitas perspectivas diferentes), enciclopédico (intimamente associado ao conhecimento do mundo e, por isso mesmo, não autónomo nem separado de outras capacidades cognitivas), flexível (dinâmico e adaptável às mudanças inevitáveis do nosso mundo e das nossas circunstâncias) e baseado na experiência e no uso (na nossa experiência individual corpórea ou biológica e na nossa experiência colectiva, social e cultural e, sempre, na experiência do uso actual da língua). (Silva, 2006, p. 20)

Cabe considerar ainda o surgimento, no Brasil, de um programa de investigação alinhado com os pressupostos teóricos de Fillmore (1977, 1979, 1982, 2003), Lakoff (1987), Lakoff e Johnson (1980, 1999), Fauconnier (1994, 1997), Fauconnier e Turner (2002) Tomasello (2003a,b), Croft (2004) dentre outros, no que tange ao entendimento da linguagem como um modo da cognição, intimamente ligado a outros domínios cognitivos. Tal perspectiva, nomeada como Hipótese Sociocognitiva (Salomão 1999, 2003, 2004; Miranda 1999, 2000, 2003, 2007) ratifica a dimensão experiencial do pensamento e da linguagem, dimensiona a linguagem como prática sociocultural e traz para sua agenda investigativa a questão da **diversidade** em contraponto com as teses **universalistas** da Linguística Cognitiva.

É, pois, este viés sociocognitivo da linguagem que serve de subsídio teórico ao nosso projeto investigativo e que, por isso, se constitui como matéria do presente capítulo. Assim, a partir desta seção introdutória, passamos a uma breve consideração do trabalho antropológico de Tomasello (2003) de modo a buscar, em um campo teórico distinto da Linguística, o endosso para as bases simbólicas e construcionais da linguagem sustentadas pelo sociocognitivismo (seção 2.1). Na seção 2.2 passamos à apresentação das bases pré-conceptuais (Categorias de Nível Básico (2.2.1) e Esquemas Imagéticos (2.2.2)) e conceptuais do nosso processo de categorização (Domínios Conceptuais ou *frames* (2.2.3)). A seção 2.2.4 é dedicada aos processos de projeção figurativa, compreendidos a partir das teorias cognitivas da metáfora e da metonímia. A seção 2.3 aborda a questão da mudança semântica, em especial o fenômeno da polissemia e encerra com breves considerações sobre a contribuição do sociocognitivismo para o entendimento dos processos de conceptualização e categorização presentes na rede metafórica em foco no presente estudo.

2.1 A Capacidade Simbólica e a Emergência da Linguagem

Segundo Tomasello (2003), a essência da linguagem é sua dimensão simbólica. É a capacidade simbólica que nos difere de outros animais e é através do símbolo que nos comunicamos, estruturamos nossa vida, além de criarmos artefatos como o dinheiro, a linguagem escrita e a arte. Mas o que caracteriza o símbolo, essencialmente, é a sua natureza (i) Intersubjetiva e (ii) Perspectiva.

O símbolo é *intersubjetivo* porque é socialmente “compartilhado” com outras pessoas. E *perspectivo* porque apreende uma maneira particular de ver algum

fenômeno.

No entanto, a capacidade simbólica não se desenvolveu no vácuo, tampouco o primata foi promovido do dia para a noite ao posto de homem. A natureza não age por saltos. A transição da natureza para a cultura foi um processo contínuo e lento. (Laraia 2006, p.56)

Tomasello (2003) afirma que esta transição somente foi possível a partir do reconhecimento do outro como um *agente intencional*, com quem é possível interagir e cujos estados emocionais são paralelos aos meus. E sugere ainda que esse reconhecimento do outro como um ser intencional é o que permite que procuremos agir nos estados intencionais desse outro. A forma mais simples de fazer isso é atrair a atenção do outro, o olhar do outro, para algum alvo de nosso interesse, seja com gestos ou palavras. Portanto, o símbolo emerge em cenas de atenção conjunta, em situações interacionais, rotineiras, perspectivizadas, nas quais sou capaz de ler a intenção comunicativa do outro e agir de forma correspondente. É, pois, nessa dimensão teórica, que a capacidade simbólica se institui como o cerne da linguagem. É a partir daí que a Linguística Cognitiva ergue sua visão construcional da linguagem, contrapondo-se, de modo radical à tradição gerativista. Para os gerativistas a gramática, como um acontecimento genético, é um conjunto universal de regras (GU) algébricas abstratas, formais, sem significado e insensíveis a usos. Em direção oposta, os modelos construcionais de uso da gramática, sustentados pela Linguística Cognitiva, imputam ao **símbolo o caráter primário e filogenético e consideram a emergência da gramática como um acontecimento histórico-cultural**. A partir daí afirmam a gramática como uma rede de símbolos que, como produto de processos históricos e ontogenéticos, não envolve qualquer evento genético adicional.

Nesses termos, nossa capacidade simbólica, de natureza perspectiva e

intersubjetiva, nos permite conceptualizar e categorizar o mundo, erigindo símbolos lingüísticos em diferentes dimensões - do léxico à sintaxe ao discurso. É no campo da dimensão lexical que, conforme sinalizado anteriormente, nosso projeto investigativo se situa. Nosso investimento principal é o processo de resignificação e recategorização lexical. Dentro desta agenda, os modelos cognitivos de conceptualização e categorização constituem-se como solo teórico fundamental. É sobre eles que passamos a falar na próxima seção.

2.2 Processos de Conceptualização e Categorização

O mundo não nos chega categorizado. A nós não cabe a simples tarefa de etiquetar e nomear, movidos pela crença ingênua de que categorizamos as coisas como elas realmente são ou, de acordo com Lakoff (1987), como se as nossas categorias mentais se encaixassem nos tipos de coisas que estão no mundo. Pelo contrário, as coisas não estão no mundo da maneira como as dizemos aos outros. Ou seja, o mundo real não é diretamente acessível a todos do mesmo modo, e o modo como o comunicamos é uma elaboração sociocognitiva (Perini, 2004).

Tal perspectiva, assumida pela Linguística Cognitiva, rompe com o modelo explicativo que predominou nos estudos lingüísticos de viés formalista, o qual tomava como fundamento a visão clássica, aristotélica de categorias ancorada nos seguintes critérios: uma categoria define-se por **condições necessárias e suficientes** e por **propriedades essenciais compartilhadas por todos os membros**.

No que tange à imprecisão dessa visão, Croft (2004) apresenta algumas das críticas realizadas. A primeira problematização, levantada por Wittgenstein

(apud Croft 2004, p.76), é ilustrada pela definição de JOGO: Quais as definições adequadas para se definir um jogo em termos de condições necessárias e suficientes? A segunda considera a questão da Centralidade, isto é, como lidar com o fato de alguns membros de uma categoria serem mais representativos do que outros, se na visão clássica todos os membros são iguais?

Fortalecendo a tese da imprecisão e insuficiência da teoria clássica, Lakoff (1987, p. 6) argumenta que ela não foi o resultado de um estudo empírico, nem foi sequer pensada como uma teoria, mas como uma verdade definitiva e inquestionável. Em contrapartida, foram estas inconsistências e incoerências que permitiram o desenvolvimento e a emergência de teorias alternativas, dentre elas a **visão corporificada do pensamento (Realismo Corporificado)** (Lakoff 1980, 1987, 1999) e a **teoria do protótipo** (Berlin e Kay 1978; Rosch 1979), ambas de grande relevo para um trato sociocognitivista da linguagem.

A visão corporificada do pensamento é, pois, a tese central do Realismo Corporificado, qual seja, a perspectiva teórica experientialista de que percepção, corpo e cultura não estão dissociados dos mecanismos de conceptualização e categorização; antes de tudo, são eles que os instituem. A rigor, não possuímos elementos para conceptualizar que não surjam da experiência física, corporal e sociocultural e, assim, **categorias, conceitos e experiência são inseparáveis**. Nessa perspectiva, os processos de categorização são considerados, em grande escala, como atividades humanas mais básicas, automáticos e inconscientes que consistem na identificação, classificação, nomeação e organização da imensa variedade do mundo que nos cerca. Deste modo, resgata-se a importância do corpo que passa a desempenhar um papel central nos processos de conceptualização, constituindo-se como uma dupla fundação, isto é, o corpo é ao mesmo tempo cerne e meio para a concepção. É o cerne porque a experiência sensório-motora, física e

social é crucial para a compreensão do mundo e de nós mesmos. E é meio porque o modo como categorizamos é uma consequência inevitável de nossa biologia.

Face a esta constatação, Lakoff (1987) prevê a necessidade de uma mudança de paradigma, no que tange à compreensão da mente, do mundo e de nós mesmos. O impacto desta mudança repercutirá nos conceitos de verdade, conhecimento, sentido, racionalidade e até no conceito de gramática.

É, pois, a partir desse viés teórico que se ergue um dos grandes investimentos da investigação cognitiva: os processos de conceptualização e categorização em suas correspondências com estruturas pré-conceituais (Categorias de Nível Básico e Esquemas Imagéticos) e conceituais (domínios conceituais ou *frames*) e com redes de integração entre tais naturezas de estrutura (projeções figurativas, como metáforas e metonímias, por exemplo). Dito de forma mais sucinta, os pressupostos cognitivistas que fundamentam a compreensão dos processos de categorização podem ser assim anunciados (LAKOFF e JOHNSON, 1980 [2002], 1987):

- 1. Centralidade da experiência na arquitetura de nossos sistemas conceituais**
- 2. Existência de estruturas pré-conceituais da experiência**
- 3. Existência de domínios complexos de conhecimento (*frames*)**
- 4. Centralidade das projeções metafórica**

É pois sobre tais processos cognitivos de conceptualização e categorização que passamos a nos debruçar na próxima seção.

2.2.1 Categorias de Nível Básico

Conforme sinalizamos na seção anterior, uma proposta alternativa à visão formalista de categorias surge baseada nos estudos com cores e aves de Berlin e Kay (1969, 1978) e na teoria do Protótipo (Rosch 1979). Tal teoria postula a existência de membros mais centrais em cada categoria e outros mais periféricos, sendo que os elementos centrais tendem a ser considerados os *protótipos*. Além das categorias exibirem efeitos de prototipicidade, elas possuem uma hierarquia interna, com alguns membros ocupando uma posição mais básica (**Categorias de Nível Básico (CNB)**), enquanto outros são mais inclusivos e abstratos (**categorias super-ordenadas**), e outros, ainda, mais especializados (**categorias sub-ordenadas**). As **Categorias de Nível Básico (CNB)** correspondem a um nível ótimo de percepção por possuírem as seguintes características (Lakoff 1987, Feldman 2006):

- (i) **Percepção gestáltica** – é neste nível que os membros de uma categoria permitem a formação de uma imagem mental, visualização e identificação.
- (ii) **Função** – desenvolvemos programas motores para interagir com os membros pertencentes à CNB.
- (iii) **Comunicação** – expressões neste nível são utilizadas com mais frequência pelos falantes; são as primeiras construções a serem aprendidas pela criança por estarem muito presentes na fala da mãe e dos parentes.
- (iv) **Organização do conhecimento** – a maioria dos atributos dos membros de uma categoria são armazenados neste nível.
- (v) **Efeito Priming** – Experimentos revelam que os indivíduos identificam e respondem com maior rapidez quando o membro da categoria pertence ao nível básico do que no nível superordenado.

Estudos empíricos isolaram esse significativo nível de interação humana com o meio externo, caracterizado, assim, por percepção gestáltica, imagem mental, movimento motor. Nesse nível básico da experiência física é que distinguimos acuradamente TIGRES de ELEFANTES, CADEIRAS de MESAS, COUVE de ALFACE... Um nível abaixo ou acima as coisas ficam mais complexas: sub-ordenação ou super-ordenação (tipo de girafa, tipos de couves, tipos de carros). Os exemplos de categorias nesses níveis elencados por Lakoff (1987) se distribuem entre: OBJETOS NATURAIS: elefante/vaca; jacaré/cobra, água, ouro (super-ordenados: mamíferos, mineral, aves...); OBJETOS ARTEFATOS: carros, cadeira, livros, casas, lâmpada (super-ordenados: veículos, móveis, habitação...); AÇÃO: andar, correr, comer, beber (super-ordenados: mover-se, ingerir; sub: subtipos dessas ações) e PROPRIEDADES: alto, baixo, pesado, leve, quente, frio.

Não obstante a importância das CNB, uma dúvida ainda persiste, qual seja, por que as categorias são formadas e organizadas a partir de protótipos? Para Geeraerts (1988c apud SILVA 1997, p.9) a resposta pode ser encontrada numa explicação psicológico-funcional:

as categorias estruturadas na base da prototipicidade são cognitivamente eficientes, pois, por um lado, têm a vantagem da flexibilidade, que lhes permite adaptarem-se aos vários contextos em que são usadas e integrarem novas entidades como membros mais ou menos periféricos, e, por outro lado, têm a vantagem da estabilidade, que proporciona a interpretação de novas experiências (através dos protótipos existentes), sem que, para o efeito, seja necessária a criação de novas categorias ou a redefinição de categorias já existentes, e, assim, permite a continuidade da estrutura geral do sistema categorial. A prototipicidade existe porque é cognitivamente vantajosa, porque satisfaz estas duas tendências, aparentemente contraditórias, da cognição humana. Daí que as categorias linguísticas sejam tipicamente flexíveis e polissêmicas e daí a continuidade e a mutabilidade dos significados das palavras no seu desenvolvimento histórico.
(Geeraerts 1998c apud Silva, p.9)

É com o propósito de demarcar a relevância dos estudos das bases pré-conceptuais para a produção e difusão do conhecimento que trataremos também na próxima seção de outras estruturas de conhecimento, os esquemas imagéticos.

2.2.2 Esquemas Imagéticos

Assim como as Categorias de Nível Básico, os Esquemas Imagéticos desempenham um papel estruturador da nossa experiência e estão relacionados à formação de conceitos. *Esquemas Imagéticos seriam gestalts experienciais minimamente estruturadas, que permitiriam a organização de um número indefinidamente grande de percepções, imagens e eventos* (LAKOFF 1987, p.20). Representam padrões esquemáticos derivados de domínios imagéticos que estruturam nossa experiência corporal, como: **Recipiente** (Elementos estruturais: interior, exterior, limites/fronteiras); **Parte-Todo** (Elementos estruturais: todo, partes e uma configuração); **Elo** (Elementos estruturais: duas entidades A e B, e um elo conectando-as), **Trajeto** (um ponto de partida (fonte), um destino (ponto final), um caminho (seqüência de estágios intermediários, uma direção, um trajetor), dentre outros. São primitivos (os EI e as CNB), mas têm, como ilustram os exemplos acima, estrutura interna. A estrutura interna não é o resultado de princípios produtivos de composicionalidade. São estruturas gestálticas (estruturas das entidades – topológicas, meronímicas, geométricas – em uma cena).

Dentre os esquemas imagéticos citados, dois deles terão maior interesse em nossas análises: o ESQUEMA de FORÇA e o de ESCALA. O ESQUEMA de FORÇA é fortemente motivado por nossa experiência corporal, resultando nas seguintes aplicações de força: balanço, contraforça, compulsão, bloqueio, impedimento, restrição, habilitação permissão, desvio, atração (CROFT 2004, p.45).

O ESQUEMA DE ESCALA pode ser compreendido da seguinte maneira:

- i. Impõe uma estrutura mais tipicamente associada com propriedades;
- ii. Provê uma dimensão de graduação no domínio e um ponto zero;
- iii. Apresenta uma entidade descrita como possuindo uma escala ou múltiplas escalas.

Em termos mais sucintos, podemos afirmar, por fim, que:

1. Esquemas imagéticos estruturam nossa experiência pré-conceitual;
2. Existe uma relação de correspondência entre esquemas imagéticos e conceitos (cerne experiencial do pensamento);
3. Metáforas projetam esquemas imagéticos em domínios abstratos, preservando sua lógica de base (princípio da invariância).

Na subseção seguinte nos detemos no esquema da força apresentando o Modelo de Dinâmica das Forças proposto por Talmy (1988).

2.2.2.1 O Modelo de Dinâmica das Forças

Um dos conceitos mais básicos para o ser humano é a noção de causa. Para a criança esta percepção está diretamente vinculada à manipulação de objetos pelo uso da força física expressa nas ações mais corriqueiras: empurrar, puxar, jogar, quebrar... Para o adulto esta percepção, embora se origine no mesmo processo, é compreendida através de situações que envolvam algum tipo de mudança, na qual ele se vê direta ou indiretamente afetado.

Numa tentativa de definir o conceito, de um modo bastante amplo, Causa é quando tenho a **vontade** e a **disponibilidade** de fazer algo. Assim, quando empurro uma cadeira, a vontade e a disponibilidade atuam juntas para a realização da ação. Por outro lado, se eu quisesse empurrar um caminhão, por maior que seja a minha vontade, não tenho a disponibilidade para tanto. O que estes exemplos evidenciam é a noção de causa como a aplicação direta de força resultando em um movimento ou em mudança física.

Neste sentido, é possível entender a dinâmica das forças como um sistema cognitivo com origem na força física, mas metaforicamente projetado em muitos

domínios abstratos, o que permite explicar importantes sistemas conceptuais, como os conceitos causativos em toda a sua diversidade (Talmy 1988^a, 2000 apud Silva 2006, p .185).

Na definição de Silva (2006) o modelo de dinâmica das forças envolve, em sua forma mais básica, uma oposição entre uma entidade que exerce uma força (Agonista), e outra que exerce uma contraforça (Antagonista), no domínio da representação linguística da interação de forças e relações causais ocorrendo entre estes tipos de entidade, dentro de uma situação estruturada. Por se tratar de uma categoria fundamental da linguagem, este modelo atua como um domínio básico para transferências metafóricas, permitindo aos usuários da língua conceptualizar padrões de dinâmica das forças em outros domínios além do físico.

O modelo de dinâmica das forças aliado à metáfora primária CAUSAS SÃO FORÇAS oferecem uma valiosa contribuição para o entendimento das bases conceptuais da construção operadora de escala que estamos propondo no presente trabalho. Uma análise mais acurada, partindo da aplicação de tal modelo ao nosso *corpus* investigativo será objeto de discussão no capítulo de análise.

2.2.3 Domínios Conceptuais ou *Frames*

Um dos pressupostos fundamentais da teoria sociocognitiva sobre conceptualização e categorização é a postulação de domínios estáveis de conhecimento ou de estruturas conceptuais complexas erigidas a partir de experiências basilares e de teorias populares sobre o mundo. Para Lakoff (1987, 1999), tais domínios são nomeados como *Modelos Cognitivos Idealizados* (MCIs) e entendidos como estruturas de conhecimento armazenadas em nossa memória, de forma esquemática. Para Fillmore, são *frames* semânticos (1979, 1982, 2000,

2003). A tendência dos estudos lingüísticos sociognitivistas mais recentes é, contudo, a generalização do rótulo de *frame*, que passamos a assumir no presente estudo.

A noção de *frame*/enquadre perpassa uma ampla variedade de estudos, que vai desde a Antropologia (Bateson 1955; Hymes 1974), na Sociologia (Goffman 1974) chegando à Linguística através dos trabalhos de Chafe (1977), Fillmore (1975) e Inteligência Artificial (Minsky 1975). Apesar da variedade de estudos, os usos deste termo encaixam-se, basicamente, em duas categorias: “enquadres de interpretação” que incluem os trabalhos em Antropologia e Sociologia; e “estruturas de conhecimento” incluindo as pesquisas em Linguística e Inteligência Artificial. (Tannen & Wallat 1998, p. 123)

Originalmente o termo *frame* ajusta-se à noção de enquadres interativos, ou seja, a definição do que está acontecendo em uma interação, que tem no exemplo clássico de Bateson a confirmação de que esse tipo de organização não é um privilégio dos humanos, pois até os animais utilizam *frames* para interpretar o comportamento do outro. Assim, como exemplifica Tannen (1998), *um macaco precisa saber se uma mordida de um outro macaco deve ser entendida dentro de um enquadre de brincadeira ou do enquadre de luta.*

Para Goffman (1974 apud Ribeiro 2002, p.36) *frames* são os princípios organizacionais e interacionais pelos quais as situações são definidas e sustentadas como experiências. É a partir dos *frames* que as pessoas estruturam sua experiência, o que mostra como a organização do enquadre é socialmente situada. Mas o trabalho de Goffman não focaliza a linguagem em si, pois seu intuito é investigar a natureza da realidade socialmente construída e verificar como as pessoas utilizam múltiplas estruturas para dar sentido a eventos.

Inspirado na teoria de Semântica dos *Frames* desenvolvida por Fillmore e

seus colaboradores (1975, 1977a, 1977b, 1982, 1985), o conceito de *frame*, do qual estamos nos apropriando no presente estudo, parte do pressuposto de que o significado das palavras é organizado a partir de cenários conceptuais (*O Significado é relativizado a cenas*. (Fillmore 1977, p. 59) ou *frames*, o que permite a compreensão de um conceito que esteja vinculado a ele. Tal estrutura conceptual subjaz ao uso e à interpretação dos itens lexicais. Para Fillmore (2003, p. 241), o *frame* pode ser definido como um mega instrumento de descrição, análise e organização do léxico, que possibilita caracterizar todas as categorias de palavras, frases e expressões, utilizando o mesmo aparato cognitivo – o *frame*.

É a partir desta perspectiva que o projeto lexicográfico computacional FrameNet (<http://framenet.icsi.berkeley.edu/>) se estrutura. Embora as categorias analíticas do FrameNet ocupem um espaço acanhado em nossas análises, cabe-nos uma apresentação ainda que sucinta da estrutura de *frame* de que se vale este projeto em suas descrições lexicográficas. Trata-se de um projeto do International Computer Science Institute da Universidade de Berkeley, na Califórnia, que tem como objetivo criar uma fonte de pesquisa para o léxico da Língua Inglesa, ancorada na descrição de **frames semânticos** e sustentada por evidências empíricas coletadas em **corpora eletrônicos, sintática e semanticamente anotados**. O trabalho lexicográfico da FrameNet consiste em um conjunto de complexas tarefas manuais e computacionais que passamos a apresentar de modo sucinto. Duas são as unidades básicas de análise: a **unidade lexical (UL)** e o **frame**. Partindo da escolha de uma UL, definida como “*uma palavra tomada em um dos seus sentidos*” (FILLMORE et al. 2003, p.1), o processo começa com a descrição da estrutura conceptual ou **frame** a que a UL pertence. Nos termos descritos por Fillmore (obra citada, p.1), tal descrição requer (1) a caracterização esquemática (ou definição) do tipo de entidade ou situação representada pelo

frame, (2) escolhas mnemônicas para etiquetar as entidades ou componentes dos *frames* e (3) construção de uma lista de palavras que parecem pertencer ao *frame*.

A título de exemplo, tomando a “ morte” como UL (SAMPAIO 2006, p.63), a etapa primeira consiste na definição da mesma (**Definição:** *As palavras neste frame descrevem a morte de um Protagonista. A Causa da morte também pode ser expressa obliquamente*); a segunda etapa seria a escolha de etiquetas para os **Elementos de Frame (EF)** que compõem a cena conceptual, definindo sua valência semântica (Protagonista [Prot], Causa [Causa], Local [Loc], Grau [Grau], Modo [Mod], Resultado [Res], são exemplos de etiquetas de EF). A tarefa da etapa seguinte é a formação de uma lista de **palavras-chave**, com sua notação sintática (*morte.n, morrer.v, falecer.v, falecimento.n, expirar.v, perecer.v, passar desta melhor.v, bater as botas.v, etc*). Tais palavras-chave servem, pois, como instrumento de busca eletrônica, em contextos lingüísticos atestados, sendo observadas e anotadas em suas colocações sintáticas e semânticas.

Em relação aos Elementos do *Frame* (EF), vale pontuar que tais elementos diferem, pelo seu grau maior de especificação, dos papéis temáticos genéricos com que as teorias semânticas, via de regra, descrevem a valência de uma cena. Definem-se, assim, como propriedades de valência semântica em função do *frame* específico que integram. Outro exemplo dado por SALOMÃO (2007, p.2) pode clarear tal explicação:

O **frame** Transferência (aqui representado com outra fonte gráfica para distinguir seu status ontológico das unidades lingüísticas que lhe correspondem) inclui três **Elementos**: um DOADOR, um TEMA, e um RECIPIENTE, de tal modo que o DOADOR, que tem a posse inicial do TEMA, faz com que o RECIPIENTE venha a deter a posse final do TEMA, que, eventualmente, se move até o RECIPIENTE. A FrameNet realiza então a busca eletrônica dos usos lingüísticos de **Unidades Lexicais** tais como dar, receber, doar, entregar, conceder, que realizam este **frame**, algumas vezes com diferentes **Perspectivas** (caso de dar e receber), e descreve a **Valência** (propriedades combinatórias destes itens) em termos sintáticos e semânticos. É este processo de anotação que subsidia as diversas possíveis aplicações da FrameNet, já que os esquemas conceptuais que ela identifica são verificados e retificados contra o uso lingüístico atestado.

2.2.4 Processos Figurativos: Metáfora e Metonímia

As estruturas pré-conceptuais, como Esquemas Imagéticos e Categorias de Nível Básico, e as estruturas conceptuais complexas (*frames*) acima apresentadas são a matéria para um princípio fundamental da cognição: a **Integração**, com a qual se articulam ainda outros dois princípios cognitivos, a **Identidade** e a **Imaginação** (Os três “Is” da cognição, nos termos de FAUCONNIER & TURNER, 2002). A identidade corresponde ao produto de um trabalho complexo, imaginativo, inconsciente. Só atingindo o nível da consciência após um trabalho de elaboração. A integração implica em encontrar identidades e oposições, propriedades dinâmicas e restrições operacionais não percebidas. A identidade e a integração não dariam conta do significado e de seu desenvolvimento sem o terceiro I da mente humana – a Imaginação. Neste nível os conteúdos emergentes das redes de integração conceptual.

É sobre estes princípios que se assentam os processos de significação e resignificação da linguagem. Integrando estruturas basilares e *frames* e configurando-os, de modo imaginativo, redes conceptuais de várias naturezas se instituem e dentre elas, as redes de projeções figurativas que compreendem a METÁFORA E A METONÍMIA. É, pois, a partir deste enquadre, que metáforas e metonímias saem da periferia dos estudos da linguagem, onde se mantiveram por muitos séculos, para ocuparem a cena principal não só da Linguística Cognitiva, como também das ciências cognitivas em geral.

Considerada pela Tradição Retórica como uma figura de linguagem, de caráter puramente ornamental, desprovida de valor cognitivo, assim foi vista, durante séculos, a metáfora. É com George Lakoff e Mark Johnson, na obra

Metaphors We Live By (1980), que o questionamento a esta visão ganha consistência e a metáfora é alçada a uma posição central nos estudos em Semântica Cognitiva. Lakoff & Johnson, ao nos abrirem a porta para a reconceituação da linguagem via experiência, encontram o caminho para a TEORIA CONCEPTUAL DA METÁFORA (TMC). Após uma ampla análise de enunciados da linguagem cotidiana, os autores desvelam um imenso sistema conceptual que rege o nosso pensamento, linguagem e ação, constatando que metáforas são, antes de tudo, uma forma de conceber o mundo, não uma opção retórica. Exemplo disso são expressões corriqueiras (*alta dos preços/dólar em queda; defender o ponto de vista/derrubar todos os argumentos.*) que, evocando domínios concretos da experiência, nos permitem operar com domínios abstratos mais complexos de nosso raciocínio. Nos termos de Silva (2003, p.15), *um domínio das experiências mais abstratas e intangíveis pode ser conceptualizado em termos do que é mais concreto e imediato.*

A noção fundamental da Teoria Conceptual da Metáfora (TMC) é a idéia de mapeamento, em que os padrões metafóricos envolvem correspondências entre um domínio fonte e um domínio alvo. Em cada padrão metafórico o mapeamento é restringido pelo Princípio da Invariância.

Mapeamentos metafóricos preservam a topologia cognitiva, isto é, a estrutura do esquema imagético do domínio fonte, de modo consistente com a estrutura inerente do domínio alvo. (Lakoff 1993, p. 215)

O princípio da Invariância sustenta a hipótese de que grande parte das inferências abstratas são versões metafóricas de inferências espaciais, inerentes às estruturas topológicas dos esquemas imagéticos. (Lakoff 1993, p. 216)

A ênfase na motivação experiencial é um outro princípio central da TMC. Lakoff & Johnson (2002) discutem, por exemplo, as motivações para o padrão metafórico MAIS É PRA CIMA. Na avaliação dos autores, elevação e quantidade

são domínios conceptuais muito próximos da experiência. Assim, quando vemos uma pilha de objetos ou um líquido em um recipiente, nós associamos, inconscientemente, a altura atingida pela pilha ao número de objeto ou à quantidade de um líquido, o que nos dá a base experiencial desta metáfora.

A metáfora da ESTRUTURA DE EVENTOS descrita pelos mesmos autores (Lakoff & Johnson 1999) lança mais luzes sobre tal teoria. Nesta metáfora diferentes aspectos dos eventos tais como estados, mudanças, causas, ações e propósitos são compreendidos a partir de um pequeno grupo de conceitos: lugar, força e movimento, como nos exemplos a seguir:

ESTADOS SÃO LUGARES
 MUDANÇAS SÃO MOVIMENTOS
 CAUSAS SÃO FORÇAS
 AÇÕES SÃO MOVIMENTOS AUTOPROPELIDOS
 PROPÓSITOS SÃO DESTINAÇÕES
 MEIOS SÃO CAMINHOS
 DIFICULDADES SÃO OBSTÁCULOS AO MOVIMENTO
 A EXPECTATIVA DE PROGRESSO É O PLANEJAMENTO DA VIAGEM
 EVENTOS EXTERNOS SÃO GRANDES OBJETOS QUE SE MOVEM
 ATIVIDADES QUE TÊM UM PROPÓSITO CONSTANTE SÃO VIAGENS

Consideremos o mapeamento DIFICULDADES SÃO IMPEDIMENTOS AO MOVIMENTO. Uma dificuldade é algo que nos impede de movimentarmos em direção ao nosso destino. As expressões metafóricas que caracterizam as dificuldades são: bloqueios, pesos/cargas, forças contrárias e perda de fonte de energia, que por sua vez, remetem ao modo como nosso corpo interage no espaço físico. Assim, a partir da percepção das dificuldades no domínio concreto construímos a base para o entendimento de expressões nos domínios de natureza abstrata, demonstrando que a compreensão de dificuldades como impedimentos, obstáculos está presente em diversas circunstâncias que envolvam algum propósito de vida como em (*Cada um tem sua cruz para carregar.*), na esfera da economia

(*Inflação perde fôlego em SP*), na vida profissional ("*Comecei a fazer clientes na primeira semana, apesar da **barreira** da língua estrangeira.*"), ou em situações corriqueiras como em (*Fome é a **pedra no sapato** de todas as dietas*), mostrando como a compreensão da dificuldade em vários aspectos da vida é a consequência de uma compreensão das dificuldades das atividades em geral.

A existência destas metáforas mostra-nos que alguns conceitos abstratos comuns – TEMPO, ESTADO, MUDANÇA, CAUSA, AÇÕES, PROPÓSITOS – são conceptualizados através de metáforas.

2.2.4.1 A Teoria Integrada da Metáfora Primária

Em estudos mais recentes Lakoff & Johnson (1999) revisitam a TMC, apresentando uma **Teoria Integrada da Metáfora Primária** que envolve a contribuição de quatro teorias: a Teoria da Conflação (Johnson 1997), a Teoria da Metáfora Primária (Grady, 1997), a Teoria Neural da Metáfora (Narayanan 1997a, b) e a Teoria da Mesclagem/Blending (Fauconnier e Turner 2002).

Ainda que nosso investimento investigativo sobre a metáfora no presente trabalho não vá envolver um uso mais acurado desta nova teoria, cabe-nos um parêntese ligeiro para explicar o seu alcance.

Embora a TMC apresente evidências de que a habilidade de conceptualizar fundamenta-se na experiência humana mais básica, ou seja, nas experiências corporificadas, ela não explica bem como as metáforas conceptuais emergem. É nesse sentido que a Teoria Integrada traz sua contribuição, sugerindo a existência de projeções metafóricas capazes de operar em um nível mais básico (pré-conceptual) em termos de elaboração conceptual.

De acordo com Lakoff & Johnson (1999, p. 45-59) a primeira parte da Teoria Integrada corresponde à **Teoria da Fusão**, desenvolvida por Christopher Johnson, tem por objetivo descobrir em que idade as crianças adquirem as metáforas básicas e quais os mecanismos envolvidos nesta aquisição. A partir da análise de dados de fala de uma criança (Shem), Johnson levanta a hipótese de que as metáforas conceptuais emergem através de dois estágios: o período de confluência, correspondente a um nível mais básico de elaboração conceptual, que opera num nível conceptualmente anterior ao dos domínios conceptuais, e um período de diferenciação, responsável pela formação dos domínios conceptuais.

Durante o período de confluência as experiências e os julgamentos subjetivos estão fortemente fundidos às experiências sensório-motoras de tal forma que a criança não é capaz de distinguir as duas coisas quando elas acontecem juntas. Johnson conclui que é neste período que as associações entre domínios distintos são construídas.

Para uma criança pequena, a experiência subjetiva de afeição está tipicamente correlacionada à experiência sensório-motora do aquecimento do colo. Tais associações, construídas durante o período da fusão, serão determinantes na criação de domínios conceptuais e, mais tarde, irão corresponder aos mapeamentos da metáfora conceptual que irá permitir à criança compreender expressões como uma *recepção calorosa*.

A segunda parte corresponde à **Teoria da Metáfora Primária** de Joe Grady. Esta teoria, é um desdobramento da teoria da confluência de Johnson. Grady (1997) e Johnson (1999) afirmam que a metáfora primária é inevitável, adquirida automática e inconscientemente via processo normal de atividade neural, resultando das associações inter-domínios, formadas durante o período da fusão. Tais metáforas seriam, de acordo com Grady, como átomos que se uniriam para formar

moléculas. Deste modo seria através da integração de metáforas primárias que construiríamos as metáforas complexas.

De acordo com a **Teoria Neural** de Naranayan (apud Lakoff & Johnson 1999) as associações produzidas durante o período de confluência se realizariam em um nível neural com ativações simultâneas, resultando em conexões neurais permanentes. Estas conexões formariam a base das ativações fonte-alvo que constituem os vínculos metafóricos.

A quarta parte da Teoria Integrada é a Teoria da Mesclagem. O conceito de *blending* ou mesclagem, inicialmente proposto por Fauconnier e Turner (1997, 2002) comparece no cenário da Linguística Cognitiva como uma contribuição às limitações da Teoria Conceptual da Metáfora. Entendida como um processo cognitivo geral, uma vez que não se restringe à linguagem, mas se estende a todo sistema cognitivo, a mesclagem, que implica redes de integração múltiplas entre múltiplos domínios, pode operar em diversos níveis e nos mais variados contextos, de forma inconsciente e seria responsável, em grande parte, por nossos processos de criação, por nossas realizações do pensamento e linguagem, como um processo ativo, operando sempre no momento do discurso.

Fauconnier e Turner (2002) postulam que o processo de mesclagem é, em essência, um mecanismo de compressão para gerar compreensão, ou seja, comprimindo-se é possível reduzir à escala humana, isto é, trazer para o nível mais familiar da vivência humana as experiências mais complexas. A mesclagem, nestes termos, atuaria como uma forma de tornar um fenômeno muito complexo em algo cognitivamente mais simples e seria fundamental no processo de formação de metáforas complexas.

Os tipos de integração conceptual envolvidos na mesclagem podem ocorrer em diferentes níveis de complexidade. Os autores explicam o caso da metáfora do

vírus de computador como um exemplo de mescla envolvendo metamorfose categorial. De fato nós, seres humanos, freqüentemente organizamos novo material estendendo uma categoria convencional. Geralmente estas extensões de categoria são improvisadas. Em outros casos ela pode levar a uma mudança permanente (Fauconnier & Turner 2002, p.269)

A mescla do vírus, um caso de mudança permanente em nosso léxico, estabelece uma fusão entre o *frame* de vida biológica e o de vida artificial. Na vida biológica temos o organismo vivo saudável, uma mudança que se instala a partir da entrada de um elemento estranho, o elemento que se multiplica e prejudica o organismo. Na vida artificial temos um elemento presente, mas não encontrado, capaz de se multiplicar, que impede o funcionamento normal do sistema e é prejudicial ao sistema e aos seus usuários. Deste modo, estabelece-se uma relação de analogia entre o vírus biológico e o vírus de computador. Assim, um vírus de computador é algo invisível, multiplica-se, infecta a máquina, destrói arquivos, requer o uso e atualização de programas que identificam, capturam e destroem os vírus – os antivírus.

A partir deste novo desdobramento da teoria, Lakoff & Johnson (1999, p. 60) postulam o conceito de **metáfora complexa**. Metáforas complexas são construídas de *metáforas primárias e de estruturas de conhecimento do senso comum, tais como modelos culturais, teorias populares, ou simplesmente de conhecimentos ou crenças altamente aceitos por uma cultura*. Exemplo disso é a metáfora A VIDA É UMA VIAGEM. De acordo com Lakoff (1999) estamos inseridos em uma cultura fortemente influenciada pela idéia de que devemos ter um propósito na vida e, de certo modo, nossos pensamentos e ações são dirigidos no sentido de atingir estes propósitos. Trata-se, portanto, de uma metáfora complexa resultante da combinação de duas metáforas primárias: PROPÓSITOS SÃO DESTINAÇÕES e AÇÕES SÃO

MOVIMENTOS. Por outro lado, teríamos na metáfora O AMOR É UMA VIAGEM um subcaso da metáfora A VIDA É UMA VIAGEM e assim por diante, uma hierarquia de metáforas comporia a ampla gama de sentidos metafóricos do amor. O estudo das metáforas primárias, somados aos das metáforas complexas oferece uma explicação plausível não só sobre a constituição das bases corporificadas de muitos dos processos metafóricos bem como de suas bases culturais. Este é o assunto de nossa próxima seção.

2.2.4.2 A Interação Metáfora e Metonímia

Metáfora e metonímia são fenômenos pervasivos na linguagem e no pensamento. Assim como as metáforas, os conceitos metonímicos são altamente sistemáticos e estruturados, descrevem projeções conceptuais sistemáticas de um domínio fonte para um domínio alvo, possuem uma motivação experiencial e contribuem para o processo de formação de conceitos, convencionalização e mudança semântica.

Lakoff & Johnson (2002, p.92) postulam a metáfora e metonímia como processos de natureza diferente. A metáfora é principalmente um modo de conceber uma coisa em termos de outra e sua função primordial é a compreensão. A metonímia, por outro lado, tem principalmente uma função referencial, isto é, permite-nos usar uma entidade para representar outra, como no exemplo *O sanduíche de presunto quer sua conta*. Os autores não negam, contudo, uma possível interação metáfora/metonímia, mas deixam claro, ao longo de sua obra, sua opção pela primariedade da metáfora em relação à metonímia. Outros autores, porém, buscam o reconhecimento da importância cognitiva e linguística da metonímia como um fenômeno extremamente regular e produtivo, tanto quanto a

metáfora, cuja interação pode ocorrer num continuum metáfora/metonímia (Kövecses & Radden 1998; Panther & Radden 1999, Barcelona 2000).

Kövecses aborda a interação metáfora/metonímia no estudo das emoções. Numa de suas pesquisas, ele demonstra que a maioria das metáforas para as emoções são, em larga escala, baseadas em metonímias, que encapsulam crenças convencionais (modelos populares) sobre os efeitos – fisiológicos e comportamentais das emoções nas pessoas (pessoas com raiva ficam vermelhas, pessoas orgulhosas andam com o corpo ereto etc). Em outra pesquisa, com falantes de língua inglesa, ele descobre que alegria e o amor são conceptualizados mais por metáforas, o medo mais por metonímias e, no caso da raiva, há um equilíbrio entre estes dois processos cognitivos.

Mas o exemplo mais interessante refere-se ao caráter pragmático/discursivo, determinante na escolha de uma metáfora ou metonímia em uma dada cultura. Charteris-Black (2003 apud Kövecses 2005, p.257) investigou como e com que propósito as expressões *mouth, tongue and lip* são utilizadas figurativamente no inglês e malay, e constata que o uso de tais expressões envolvia sempre algum tipo de avaliação (especialmente negativa) a respeito do que uma pessoa diz. Em inglês, o uso figurativo envolvia metonímias, enquanto em malay metáforas. Intrigado com os resultados, Charteris-Black buscou uma motivação que justificasse a diferença de uso. A explicação encontrada vincula-se aos valores culturais de cada povo. Na cultura malay é de extrema importância salvar a face do ouvinte quando uma avaliação negativa está sendo comunicada. Uma das maneiras mais polidas e menos diretas de fazer isso é através de metáforas. Já as metonímias revelam um modo mais direto, menos sutil de apresentar uma avaliação negativa (característica do inglês). O pesquisador conclui, deste modo, a existência de uma aceitabilidade cultural versus uma não aceitabilidade de um modo mais

direto de emitir avaliações negativas, com caráter predominantemente metonímico no inglês e metafórico em malay.

Para Barcelona (2000), qualquer metáfora possui uma base metonímica. O autor explora este princípio no domínio das emoções, explicando que as metonímias fornecem um conjunto de estruturas dinâmicas de esquemas imagéticos para o domínio alvo das emoções. No caso da tristeza, uma parte da estrutura do seu esquema imagético é fornecida por um dos padrões comportamento-corporais convencionais de uma pessoa triste: a postura corporal orientada para baixo. Outras partes deste esquema imagético deverão ser fornecidas pela falta de brilho nos olhos, pelas lágrimas que escorrem ou por outros efeitos causados pela tristeza. No esquema metafórico TRISTEZA É PARA BAIXO, a fonte (VERTICALIDADE/PARA BAIXO) pode ser entendida como um subesquema de uma postura corporal. O mapeamento metafórico de PARA BAIXO sobre TRISTEZA é possível, porque o domínio fonte metafórico tem um elemento estrutural que também aparece no domínio alvo metafórico, sendo estruturado pela metonímia: o ponto baixo do eixo vertical (PARTE PELO TODO) e o conhecimento associado a ela, ou seja, que PARA BAIXO pressupõe o esquema imagético do trajeto (neste caso, vertical) e que ele pode ser mapeado sobre a noção de medida. O entendimento metonímico da TRISTEZA da perspectiva de um de seus subdomínios (POSTURA CORPORAL ORIENTADA PARA BAIXO) fornece a esta emoção a noção de uma escala de medida, colocando a TRISTEZA em um extremo e a FELICIDADE em outro.

As pesquisas apresentadas buscam, efetivamente, instaurar um lugar para a metonímia na agenda de estudos cognitivos à luz de uma discussão que a própria Linguística Cognitiva se propõe: derrubar a barreira entre mente/corpo; processos internos/externos; literal/figurado e (por que não?) metáfora/metonímia.

2.2.4.3 Metáfora e Cultura

Uma das grandes contribuições da Linguística Cognitiva é o fato de romper com a idéia de mente e corpo como entidades estanques. No entanto, a principal crítica à TMC postula que esta reflexão apenas quebra parcialmente o paradigma cartesiano, pois embora desfie com sucesso o dualismo entre mente e corpo, deixa intacta a oposição entre indivíduo e sociedade (Sinha e López 2000).

De acordo com Cameron (2007) a interpretação de metáforas depende mais do contexto de uso do que da existência de metáforas conceituais localizadas nas mentes dos participantes em um discurso, o que permite causalidade recíproca, ou seja, do indivíduo ao mundo social, e do mundo social ao indivíduo.

Uma outra contribuição para o estudo da metáfora do ponto de vista da cultura advém do trabalho do lingüista húngaro Zoltan Kövecses. Em seu livro *Metaphor in Culture. Universality and Variation* (2005), ele propõe que o fenômeno da metáfora seja pensado a partir de uma integração dos três fatores: linguagem, cognição e cultura.

Na dimensão social, por exemplo, ele percebeu uma diferença no modo como a maioria das culturas ocidentais referem-se a homens e mulheres. Para as mulheres, a metáfora preferencial é MULHERES SÃO AVES (perua, galinha), enquanto os homens são representados metaforicamente como HOMENS SÃO ANIMAIS ENORMES (tigre, touro). E na cultura japonesa a mulher é descrita como uma mercadoria/produto, o mesmo não ocorre aos homens.

O caminho aberto pelos pesquisadores supracitados merece a atenção e consideração por parte de todos que pesquisam e se interessam pelo fenômeno da metáfora/ metonímia.

2.3 A Questão da Mudança Semântica e da Polissemia.

Toda a linguagem é, afinal, acerca do significado.
(Silva 2006)

A afirmação de Silva vem reiterar um dos pressupostos nucleares da Linguística Cognitiva: o sentido está amplamente implicado nas diversas atividades simbólicas humanas. Dito de outra forma, o significado linguístico não é apenas o reflexo de uma realidade objetiva, pronta e organizada, mas está relacionado com o modo como interagimos no mundo, o que envolve nosso conhecimento de mundo, integrado com outras capacidades cognitivas.

Este novo olhar sobre a linguagem, autorizado pela abordagem sociocognitiva, permitirá a discussão de um outro fenômeno de igual importância no estudo da língua e nem sempre devidamente tratado. Segundo Silva (2006) a polissemia é um fenômeno onipresente nas línguas e constitui, portanto, um tema fundamental de qualquer estudo semântico da linguagem. Deixada de fora das atenções de duas correntes linguísticas modernas, a estruturalista e a gerativista, só nos últimos 15 ou 20 anos voltou a ser uma questão central na semântica linguística, devido à Linguística Cognitiva e aos estudos de Psicologia Cognitiva.

No livro *Mundo dos Sentidos*, Silva (2006) descreve o estado da arte dos estudos de polissemia e argumenta que, embora o interesse pelo estudo das relações complexas entre palavras e significados já esteja presente desde a tradição grega, somente no final do séc. XIX, com os estudos de Bréal, a polissemia ganha o estatuto de fenômeno linguístico.

Cabe salientar que muito do que discutiremos a seguir é fruto de reflexões de Silva (2006) ao tratar do estado da arte da polissemia e ao qual nos reportamos por trazer estas reflexões de modo conciso, organizado e acessível ao leitor.

O final do séc. XIX inaugura dois momentos cruciais para a questão do significado, a fundação da semântica como uma nova área da linguística geral, separada da etimologia e da lexicografia, e a criação do termo polissemia – ambos empreendimentos capitaneados por Bréal. Para Bréal, a polissemia é uma das respostas às necessidades cognitivas e sociais dos falantes, e é no uso, na relação com a cognição e com a cultura que ela deve ser estudada. É sobretudo em Bréal que temos lançadas as bases teóricas do estudo da polissemia como fenômeno lingüístico, histórico e cognitivo.

A história da polissemia na linguística moderna resume-se, basicamente, a dois momentos: um período de *despolissemização* da linguagem, de minimização dos problemas da polissemia, enfim, de desprezo pela polissemia, a qual passa até a ser vista como *obstáculo* à teoria linguística, com a linguística estruturalista e a gramática gerativa; e um período de *re-polissemização* da linguagem, de redescoberta da polissemia, tomada como uma *oportunidade* para restabelecer a ligação, instaurada já por Bréal, do significado com a cognição e a cultura, com o advento da lingüística cognitiva nos anos 80. (Silva 2006, p.23)

É sobretudo neste cenário de re-polissemização que o fenômeno da polissemia passa a ser investigado à luz das contribuições da linguística cognitiva. Assim, tomada em sua definição básica, qual seja, a de associação de dois ou mais sentidos vinculados a uma única palavra, ou forma linguística, que por sua vez se opõe a monossemia, uma palavra, um único significado, e a homonímia, associação de sentidos distintos, não relacionados a uma mesma forma linguística, como é o caso de *manga*, da blusa, camisa ou casaco; e *manga*, a fruta.

A partir daí dois questionamentos serão lançados, no que tange à mudança semântica: Por que e como é que surgem novos significados? Qualquer que seja a resposta, é impossível negar o entrelaçamento da cognição e da cultura como

bases motivadoras desta mudança.

Quanto às motivações ou causas da mudança, uma explicação encontra-se no uso da língua, ou seja, em fatores externos à estrutura da língua. Neste sentido, é possível afirmar que a língua muda por necessidades expressivas e comunicativas do falante. Ulmann (1962, p. 197-210 apud Silva 2006, p.88) levanta seis tipos de causas da mudança semântica: causas linguísticas, históricas, sociais, psicológicas, influência estrangeira e necessidade de um novo nome. Mas para Silva (2006) as verdadeiras motivações da mudança semântica residem nos objetivos pragmáticos de seus interlocutores, qual seja, na necessidade de atingir uma eficiência comunicativa, através do uso de estratégias que possam beneficiar tanto o locutor (reduzindo o seu esforço lingüístico e aumentando a eficiência comunicativa), quanto o alocutário (garantindo a compreensão).

Silva (2006) postula que o processo de mudança semântica pode ser acompanhado de um processo de pragmatização do significado (Hopper & Traugott 1993), e ainda o de subjetivização (Traugott 1989, 1995, 1999). O primeiro envolve estratégias metonímicas (de natureza inferencial) de aumento de informação pragmática e estratégias metafóricas de aumento de abstração. Já o segundo, refere-se a um processo pelo qual os significados deixam de descrever uma situação externa e passam a indicar perspectivas, atitudes e crenças do locutor em relação a esta situação. A relevância dos dois tópicos apresentados nesta seção será amplamente evidenciada em nossas análises.

O presente capítulo sintetiza os pressupostos da abordagem Sociocognitiva que orientaram nosso percurso investigativo. Assim, guia-nos, em todo o trabalho analítico (capítulo 3) o princípio construcional da linguagem que concebe a gramática e o léxico como uma rede simbólica multidimensional (dimensões semântico-pragmática e formal) motivada por processos sociocognitivos e pelo uso.

3. PROJEÇÃO FIGURATIVA E EXPANSÃO CATEGORIAL NO LÉXICO DO PB: O CASO DE UM *FRAME* 'ANIMAL'

O presente estudo, conforme explicitado (cf. Introdução), constitui-se como um subprojeto que integra o macro-projeto Construções Superlativas no Português do Brasil – Uma Abordagem Sociocognitiva (MIRANDA 2007) e tem como objeto de pesquisa o processo de mudança semântica e categorial que, tendo como domínio-fonte o *frame de animal* (itens lexicais 'animal', 'bicho', 'fera', 'monstro' e 'gigante'), resulta em um *frame de escala*¹. A princípio, tais itens poderiam ser categorizados em domínios conceptuais distintos: animal, bicho e fera representariam um domínio de seres 'reais', enquanto monstro e gigante, o de seres 'imaginários'. No entanto, decidimos por enquadrá-los em um domínio único, dado o elo "familiar" de "força animal" que implicam na origem e de expressão de intensidade, força e grandeza, no domínio-alvo. Tal fenômeno se configura, de modo amplo no Português do Brasil e também em diferentes línguas (japonês, inglês, francês, espanhol, italiano, dentre outras) como podemos ver nos exemplos abaixo:

- (6) ーバルームってのは、こういったパソコンの化け物（僕はよく、サーバって何？と他業界の人から聞かれた時には、こういった表現をします）みたいなのがたくさん設置されている場所なんですわ。（だから電磁波の嵐…生殖能力に影響を及ぼすという都市伝説があるぐらい…）
"pasokon no bakemono" (*Sarbalum é um monstro dos computadores.*)
- (7) *It's a monster sale at IParty!* (É uma promoção monstro na IParty!)
- (8) *Nasce Sinergie Italiane, nuovo "gigante" della distribuzione energetica.*
(Nasce Sinergie italiana, novo gigante da distribuição energética)
- (9) **Sacchi: «Roma prendi la Bestia»**
«Può giocare almeno in tre ruoli. È una forza». *Roma prendi Julio Baptista*
(Roma pega a fera. Pode jogar pelo menos em três posições. É uma força.)
- (10) *Lenovo Thinkpad W700: un **monstre** de PC portable!* (um monstro de PC!)
- (11) *El envejecimiento de los docentes: La Universidad pública española envejece a pasos de **gigante**.* (Envelhecimento dos docentes: Universidade pública espanhola envelhece a passos de gigante)

Nossa hipótese é de que estes itens integram-se, constituindo um nódulo da **rede metafórica** do *frame* 'animal'. Assim, o mapeamento metafórico responderia pela projeção de comportamentos e atributos correspondentes – animacidade, agressividade, força e dimensão física – que passariam a atuar, no *frame* de escala, dando a esses itens lexicais a função semântica de **operadores escalares**. Como tal, atuariam como elementos promotores de escalaridade (**valores superlativos**) dentro de **domínios conceptuais variáveis**, com avaliação **positiva ou negativa** (competência, dimensão física, potência sexual, potência tecnológica, importância, agressividade, dentre outros).

Com o propósito de desvelar o processo de mudança lexical em foco, o presente capítulo se organiza da seguinte forma: a primeira parte apresenta a metodologia empregada – a experiência de trabalho com a Linguística de *Corpus* (seção 3.1), a definição e constituição do *corpus* (seções 3.1.1 e 3.1.2). Na segunda, procedemos à análise dos resultados de uma pesquisa realizada em cinco dicionários, buscando verificar como o fenômeno da expansão figurativa é descrito pelos mesmos (seção 3.2). A terceira parte (seção 3.3) refere-se à análise do *corpus* em si, dedicando-se ao desvelamento da mudança semântico-pragmática (seção 3.3.1) e formal (seção 3.3.3) em curso dentro da rede lexical do *frame* 'animal' e à motivação conceptual dessa rede (seção 3.3.2). Por fim (seção 3.4), nos detemos nos padrões tipológicos (*types*) e de ocorrência da rede lexical (frequência de tokens) de forma a configurar, de modo mais preciso, os padrões reais de uso dos operadores escalares em foco e os ganhos analíticos obtidos em nosso estudo.

¹ A noção de escalas há muito vem sendo usada nos estudos semânticos da linguagem. Johnson (1987) a considera como um importante recurso de organização conceitual e Fauconnier (2002) a apresenta como uma ferramenta central para a conceptualização de sentidos. Em nossa pesquisa, a noção de escalas apresenta-se como um recurso linguístico-cognitivo que explica o comportamento semântico-pragmático dos operadores lexicais em foco.

3.1 Metodologia: a Parceria entre a Linguística de *Corpus* e a Linguística Cognitiva

O presente trabalho tem a Linguística Cognitiva (LC) como escopo teórico central e experimental, em sua escolha metodológica, uma parceria com a Linguística de *Corpus* (Sardinha 2004; Aluísio 2006). Nosso objetivo é obter, através de ferramentas eletrônicas disponibilizadas, dados substantivos sobre a rede semântica investigada, extraídos de *corpora* naturais, heterogêneos, com diferentes graus de formalidade. Para justificar tal escolha metodológica no seio da LC, passamos a definir os termos desta parceria, assim como conceitos básicos da Linguística de *Corpus* com os quais vamos operar em nossas análises. A idéia de aproximar duas linhas de pesquisa como a Linguística Cognitiva e a Linguística de *Corpus* tem uma forte razão: a possibilidade de investigar a linguagem através de evidências empíricas, a partir de manifestações linguísticas reais, autênticas, utilizando ferramentas eletrônicas capazes de operar com grandes massas de dados.

No cenário contemporâneo da investigação linguística, a Linguística de *Corpus* demarca, de modo contundente, o retorno ao empirismo e à sustentação de trabalhos baseados em *corpora*. Nesse sentido, coloca-se na contramão do Empreendimento Mentalista que, elegendo a competência do falante/ouvinte ideal como o cerne de sua investigação e negligenciando a experiência linguística, opta pela intuição do pesquisador na criação de exemplos capazes de sustentar e comprovar suas hipóteses. Entre os defensores de um ponto de vista de que a Linguística deve operar com exemplos autênticos, está John Sinclair (1991, apud Philippe Humblé 1996, p.1) em sua argumentação de que a evidência dos fatos atestados estimula novas descrições e hipóteses teóricas e que *as frases*

inventadas dão uma idéia errada da língua (p.1). No caso da Linguística Cognitiva, o trato analítico com “exemplos autênticos, reais” do discurso não é, a nosso ver, uma novidade, tendo em vista os modelos lingüísticos de organização do conhecimento (*frames, scripts, domínios conceptuais...*) que apóiam-se fortemente em conhecimentos reais de uso. A LC tem ainda, como agenda principal, a investigação dos processos de significação e, sustentada pela convicção de que *os sentidos são relativizados às cenas* (Fillmore 1977), vem buscando, nos diferentes contextos comunicativos, exemplos capazes de sustentar seus achados. Assim, o que a Linguística de Corpus traz de novo para esse paradigma é a utilização de grandes massas de dados, manipulados em termos de freqüências e capazes de apontar novas dimensões do uso lingüístico encobertas por uma “linguística de exemplos”.

3.1.1 O Corpus

Antes de apresentarmos nosso *corpus*, sua natureza, e detalharmos sua dimensão e constituição, cabe-nos um ligeiro parêntese teórico sobre a questão.

Embora a utilização de *corpus* seja uma constante na investigação lingüística, só a partir dos anos 90, devido a um grande desenvolvimento dos meios tecnológicos, a utilização destes recursos permitiu um maior conhecimento das línguas. E, com o advento da Linguística de *Corpus*, este processo pôde ser acelerado, provocando mudanças tanto na pesquisa lingüística quanto na concepção de *corpus*. Assim, um *corpus* passa a ser caracterizado como:

Um conjunto de dados lingüísticos (pertencentes ao uso oral ou escrito da língua, ou a ambos), sistematizados segundo determinados critérios, suficientemente extensos em amplitude e profundidade, de maneira que sejam representativos da totalidade do uso lingüístico ou de algum de seus âmbitos, dispostos de tal modo que sejam processados por computador, com a finalidade de propiciar resultados vários e úteis para análise e descrição. (Sardinha 2004, p.18)

Dentro desta definição, alguns fatores, como origem, representatividade e extensão, desempenham papel importante na pesquisa e tratamento do *corpus*. Por origem subentende-se que os dados devem ser, necessariamente, autênticos, extraídos de exemplos de uso real da língua. Os conceitos de representatividade e extensão estão intimamente vinculados. De acordo com McEnery e Wilson (1996, apud Aluísio e Almeida 2006, p.157), o critério de representatividade determina que um *corpus* deve ter uma amostragem suficiente da língua ou variedade de língua que se quer analisar, a fim de obter-se o máximo de representatividade desta mesma língua ou variedade de língua. Mas como obter, na prática, um *corpus* realmente representativo? Sardinha (2004, p.26) aponta algumas sugestões relevantes como observar a extensão ou tamanho do *corpus* (cf. tabela 1), e o número de gêneros e tipos textuais, de forma a contemplar a variedade de língua que se pretende pesquisar. Enquanto Aluísio e Almeida (2006, p.159) argumentam que *é importante fazer escolhas adequadas de modo que o corpus possa, de fato, espelhar comportamentos reais*.

Tamanho em palavras	Classificação
Menos de 80 mil	Pequeno
80 a 250 mil	Pequeno-médio
250 mil a 1 milhão	Médio
1 milhão a 10 milhões	Médio-grande
10 milhões ou mais	Grande

Tabela 1: Extensão do *corpus*

Dos três fatores destacados na pesquisa com Linguística de *Corpus*, parece-nos que apenas o de representatividade não é ponto pacífico entre os pesquisadores. De nossa parte acreditamos que o item extensão do *corpus* oferece-nos uma informação valiosa a respeito da dimensão do mesmo, no entanto, o fato de termos um *corpus* grande não determina a sua representatividade. Neste sentido, para se obter um *corpus* realmente representativo é necessário levar em

conta de forma conjunta, as sugestões dos pesquisadores supracitados.

Outro ponto importante a ser observado é o uso de ferramentas computacionais para reorganização e extração de informações no *corpus* com vistas à observação e interpretação de dados, o que vem fornecendo novas perspectivas para a análise linguística. As ferramentas computacionais mais comuns são:

- Programas para listar palavras - fazem a contagem das palavras em um *corpus*;
- Concordanciadores - programas que permitem ao usuário a busca de palavras específicas em um *corpus*, fornecendo exaustivas listas para as ocorrências da palavra em contexto;
- Etiquetadores - fazem análises automáticas do *corpus* e inserem etiquetas (códigos) de ordem morfossintática, sintática, semântica ou discursiva.

As ferramentas têm a finalidade de otimizar o processo de compilação, armazenamento e processamento do *corpus*, o que poderia se tornar um procedimento lento e dispendioso, caso o pesquisador tivesse que realizá-lo manualmente. Dentre os tipos de ferramentas descritos acima utilizamos, em nossa pesquisa, o programa Wordsmith Tools 4, que realiza as tarefas de listagem, contagem e a de concordanciador de palavras.

O Wordsmith Tools versão 4, de autoria de Mike Scott, é um programa de processamento de *corpus* exclusivamente dirigido à análise linguística e oferece três ferramentas: **Concord**, **Keywords** e **Wordlist**. O Concord mostra a palavra de busca em KWIC (Key Word in Context), apresenta os collocates, clusters, plot... referentes ao item pesquisado. O Keywords extrai a lista de palavras-chave de um texto comparando a Wordlist do mesmo com a Wordlist de um texto de referência. O Wordlist realiza a contagem das palavras dos textos selecionados e alguns cálculos,

apresentando os resultados em três telas: as palavras pela ordem de recorrência (da mais para a menos freqüente); pela ordem alfabética e estatística como types, tokens etc.

Para o processamento de nosso *corpus* utilizamos apenas a ferramenta Concord, que permite analisar a composição lexical. Esta ferramenta produz concordâncias ou listagens de ocorrências de um item específico (palavra de busca) acompanhado do texto ao seu redor (o cotexto), de modo a identificar os tipos de concordância possíveis, de acordo com a posição do item de busca na listagem, permitindo assim identificar padrões lexicais.

3.1.2 A Constituição do *Corpus*: Dimensão e Natureza

Nosso *corpus* foi constituído a partir da pesquisa de textos na internet. Como a Web tornou-se um território promissor, dada a variedade e rapidez de acesso ao conteúdo *online* de revistas, jornais, blogs, dentre outros, optamos por esta forma de pesquisa com o intuito de obter um *corpus* heterogêneo.

Na constituição do *corpus*, partimos, em primeira mão, para a busca de *corpora* tratados, disponíveis para a pesquisa linguística. Pesquisadores em Linguística de *Corpus* recomendam o uso de *corpora* tratados por possibilitar (i) a dimensão do *corpus*, (ii) pelo fato de serem projetados a partir de uma perspectiva linguística e (iii) por atender ao critério da modalidade (texto falado, escrito ou ambos) e suas proporções. No entanto, nossa busca se mostrou infrutífera, pois dos sete *corpora* investigados (cf. tabela 2), apenas um exibiu uma quantidade significativa de ocorrências (CETENFolha/LINGUATECA). Acreditamos que o baixo índice de ocorrências nestes *corpora* está relacionado aos gêneros textuais veiculados, gêneros textuais mais formais – na modalidade escrita - como artigos e

teses acadêmicas, cartas (comerciais e pedido de emprego), editais, relatórios de negócios e manuais de informática, literatura de ficção; e na modalidade falada: aulas expositivas e entrevistas.

Até mesmo o Projeto NURC-RJ (Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro), que constitui uma referência nacional para estudos da variante culta da língua portuguesa, composto a partir de entrevistas gravadas nas décadas de 70 e 90 do século XX, apresentou uma baixa frequência de dados (menos de vinte ocorrências), impossibilitando assim o uso deste tipo de *corpora*. A ausência de frequência significativa dos dados nos *corpora* investigados respondeu, de certo modo, à nossa hipótese inicial de que tais construções lexicais, como recurso de auto-expressão, teriam maior número de ocorrências em *corpora* constituídos de gênero textuais mais informais.

	NOME	DIMENSÃO (tokens)	PÁGINA DE ACESSO
CORPUS Oral/Escrito	BANCO DE PORTUGUÊS	240 milhões	http://lael.pucsp.br/corpora/
	CORPUS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO	100 milhões	www.clul.ul.pt/projectocrpc.html
	NURC	570.000	www.letras.ufri.br/nurc-rj/
	VARPORT	Não disponível	www.letras.ufri.br/varport/
CORPUS Escrito	GOLD/FOLHA	Não disponível	-----
	NILC - CONDIVPT V1.0	35 milhões	acdc.linguateca.pt/acesso/NILC
	CETENFolha (VISL)	24 milhões	http://www.linguateca.pt/CETEM

Tabela 2: Relação de corpora tratados destinados à pesquisa linguística.

A tabela acima exhibe os *corpora* buscados, para uma relação completa de *corpora* tratados consulte Sardinha 2004, p.7-10. Diante do baixo índice de ocorrências nos *corpora* tratados, partimos para a compilação de um *corpus* específico, que oferecesse um volume de dados significativos, viabilizando o

levantamento e sustentação de nossas hipóteses sobre o fenômeno em foco. A organização deste *corpus* deu-se do seguinte modo: fizemos a busca de palavras-chave (animal, bicho fera, monstro e gigante) no site de revistas da Editora Abril (ABRIL.COM), no CETENFolha/Folha de São Paulo, no G1 – Portal de Notícias da Globo.com, em blogs e comunidades de relacionamento do Orkut. Em seguida, procedemos à coleta de dados, realizada manualmente, a partir da seleção da ocorrência (metafórica) através de fragmentos ou textos na íntegra, utilizando os recursos COPIAR (Ctrl+C) e COLAR (Ctrl+V), conversão em linguagem TXT e nomeação dos arquivos. Este procedimento foi realizado exaustivamente em todo o *corpus* coletado, um pré-requisito para o processamento dos dados no programa WordSmith Tools 4, por aceitar apenas *corpus* tratado.

Após a descrição do tratamento do *corpus* passamos às considerações dos resultados obtidos durante a compilação. Trata-se, portanto, de um *corpus* específico, ou seja, um *corpus* criado exclusivamente para a pesquisa linguística, a partir de uma seleção de textos via Web.

Apresentamos a seguir o *corpus* utilizado em nossa pesquisa e sua dimensão total: 190.872 tokens distribuídos em 3.115 ocorrências.

Item lexical	CORPUS ESPECÍFICO									
	Abril.com		CETENFolha		G1		Blog		Orkut	
	Ocorrências	Tokens	Ocorrências	Tokens	Ocorrências	Tokens	Ocorrências	Tokens	Ocorrências	Tokens
Animal	21	1.374	13	510	3	252	11	551	26	1.192
Bicho	260	20.282	18	669	14	4.862	12	2.100	20	908
Monstro	184	8.966	53	1.585	24	1.462	7	543	25	826
Fera	186	8.890	20	414	44	4.114	17	983	21	720
Gigante	1.603	85.325	100	2.735	161	30.152	104	6.042	168	5.415
Nº de ocorrências por <i>corpus</i>	2.254		204		246		51		260	
Nº de tokens por <i>corpus</i>	124.837		5.913		40.842		10.219		9.061	
Total de ocorrências: 3.115					Total de tokens: 190.872					

Tabela 3: Dimensão e distribuição do *corpus* específico.

Cabe ressaltar que esta tabela é o resultado de uma triagem metafórica, procedimento que visou restringir a coleta ao nosso objeto de pesquisa. Os dados apresentados nesta tabela mostram um visível desequilíbrio tanto na frequência de uso dos itens lexicais, quanto na distribuição das ocorrências por *corpus*. Em relação à frequência de uso, o item ANIMAL se mostra como o menos freqüente, devido à baixa incidência em todo o *corpus*, com apenas 74 ocorrências. E em GIGANTE, o item de maior incidência em todo o *corpus*, os valores encontrados correspondem ao dobro de todos os outros itens somados juntos (2.136 ocorrências), o que de certo modo, evidencia uma maior frequência de uso deste item em relação aos outros. O item BICHO é o segundo mais freqüente, com 324 ocorrências; enquanto os itens FERA e MONSTRO apresentam valores aproximados (288 e 293 ocorrências respectivamente).

Quanto à distribuição de ocorrências por *corpus*, todos os itens apresentam grande incidência no *corpus* da Abril.com, enquanto a menor incidência é registrada em blogs e no Cetenfolha. O *corpus* G1 e Orkut apresentam relativo equilíbrio (246 e 260 ocorrências respectivamente).

A análise dos dados revelou que a frequência tanto no número de ocorrências, quanto no de *tokens*, é maior no *corpus* da Abril.com e no G1, contrariando, em parte, nossa expectativa, qual seja, de que o uso metafórico destes lexemas estaria restrito a contextos marcadamente informais, como os do Orkut e de Blogs. De fato, os dados revelam que os usos se estendem para além das posturas estritas de informalidade, o que já sinaliza, de pronto, um processo de convencionalização dessas construções lexicais. Por outro lado, contudo, a frequência mais baixa no CETENFolha confirma a hipótese de que os usos não se espraiam, ainda, de forma irrestrita, por gêneros mais formais como reportagens da Folha de São Paulo.

3.2 A contribuição dos dicionários

A presente seção tem por objetivo apresentar, analisar e discutir a contribuição dos estudos lexicográficos tradicionais, viabilizados pelos dicionários do PB do Brasil, para o estudo da significação e, de forma mais específica, para o tratamento dados às construções metafóricas que são objeto de nossa pesquisa.

Duas questões investigativas orientaram nosso trabalho, quais sejam:

- I. Se o conjunto de acepções organizadas em cada verbete recobriria os diferentes significados encontrados no uso corrente da língua.
- II. Em que medida os estudos lexicográficos tradicionais contribuiriam para entender a direção da mudança semântica em questão.

Para responder a tais perguntas recorreremos a cinco dicionários: *Houaiss* (2001), *Michaellis* (1998), *Novo Dicionário Aurélio Eletrônico* (2004), *Caldas Aulete* e o *Dicionário de Usos do Português* (Borba, 2002), sendo quatro em versão eletrônica e apenas o último em versão impressa. No que tange ao **sentido básico, não metafórico**, dos lexemas investigados (animal, bicho, fera, monstro e gigante) há, como era de se esperar, uma natural sintonia entre os dicionários. O mesmo não pode ser dito sobre o **uso metafórico**, pois não há um consenso quanto ao número de definições abarcadas pelos mesmos, nem às possibilidades de significação que cada verbete potencialmente assume. É o que veremos a seguir em relação a cada verbete investigado.

A) VERBETE ANIMAL

Dentre as acepções registradas nos dicionários, observamos que todas acionam, preferencialmente, o **sentido negativo**, tendo como foco o domínio de **agressividade e brutalidade**, como podemos atestar numa breve consulta

Ser vivo organizado, com sensibilidade e capacidade de locomover-se. (Aulete)
Indivíduo estúpido, grosseiro ou bruto. (Michaellis)

Outros dicionários além de focalizarem a acepção negativa, agregam uma informação relacionada ao domínio da sexualidade.

Sensual, lascivo, lúbrico. (Novo Dicionário Aurélio)
Indivíduo dominado pelos instintos sexuais; garanhão: Uma criatura desnordeada pelo sexo. Um animal. (Dicionário de Usos do Português)

Demarcada a ênfase dada ao aspecto negativo verificada em todos os dicionários, registra-se ainda um significado novo, de **avaliação positiva**, encontrado no *Caldas Aulete*:

Bras. Gír. Pessoa muito competente naquilo que faz.
Bras. Gír. Que é espetacular, sensacional (moto animal).

As acepções encontradas sinalizam a dimensão intensificadora, escalar no uso metafórico deste item lexical.

B) VERBETE 'BICHO'

Assim como o verbete Animal, em Bicho registramos, dentre as acepções encontradas, a marcação do sentido, através de expressões de **valor negativo, depreciativo**, como *Animal selvagem, arredio. Pessoa intratável, grosseira*. Outras acepções observadas parecem desvelar a utilização deste lexema como **intensificador** de alguma característica (*Pessoa muito feia/Tinha cada bicho naquele baile!* (Houaiss), uma conduta (*Pessoa de difícil trato, grosseira*) e habilidade (*Pessoa de muito saber, indivíduo exímio no que faz ou sabe/Tu tá o bicho na capoeira!?* (Dicionário de Usos do Português). Tais acepções vão ao encontro de nossa hipótese de que tal lexema atuaria, em seu sentido metafórico, como um operador de escalas em diferentes domínios conceptuais.

A descrição dos dicionários estabelece uma referência bastante ampla, admitindo que 'bicho' pode ser usado, de modo genérico, como uma referência para pessoas, objetos, bebidas alcoólicas, doenças, jogos de azar, como formas de tratamento, entidades sobrenaturais, gratificações e até estados psicológicos.

C) VERBETE 'FERA'

Enquanto o verbete Bicho apresenta uma representação mais ampla, espalhada, em Fera as acepções indicam uma representação mais restrita, localizada. Todos os dicionários são unânimes em demarcar associações de ambas as ordens avaliativas: **negativa (violência, agressividade) e positiva (competência)**. No domínio de agressividade, temos o seguinte registro do *Novo Dicionário Aurélio*

Animal bravo e carnívoro.
Pessoa cruel e sanguinária.
Intimidador, amedrontador, assustador.

Das três acepções citadas acima, apenas a última não está registrada em todos os dicionários. Cabe ressaltar também a referência à competência nos exemplos a seguir: *Um jogador **fera**. Ele é **fera** em matemática. Só há **feras** fazendo o exame.* (Houaiss)

Parece-nos que o verbete fera é amplamente associado à competência, pois esta acepção comparece em todos os dicionários, e no Houaiss (2001) é explorada até numa relação sinonímia: **cobra, cobraão, cutuba, fadista, gênio, perito, sabichão, taura; ver sinonímia de malvado**. Ressalta-se que, dentre as possibilidades de sinonímia de fera, apenas uma evoca o sentido negativo – malvado, enquanto as outras reiteram o caráter positivo, associando-o à competência. O que levanta a hipótese de que este significado, depois do sentido básico aparece como o segundo mais freqüente, já esteja lexicalizado (ou em processo de lexicalização) no Português do Brasil. Outro dado importante disponibilizado pelo Houaiss é a possibilidade de busca tanto do verbete Fera quanto do lema Fer-, com sua raiz etimológica:

antepositivo, do lat. *ferus, a, um* 'selvagem, bravio (que não é manso, doméstico ou cultivado); feroz, cruel, insensível; fogoso, violento, impetuoso'; *fera, ae* (subentendido *bestia*) 'animal selvagem'; o v. *effêro, as, ávi, átum, áre* 'tornar feroz; tornar furioso', donde *effêrus, a, um* 'feroz, furioso, selvagem' e *efferitás, átis* 'selvageria'; *ferócia, ae* 'violência, caráter violento; orgulho, altivez, soberba; coragem, valor; crueldade, ferocidade.

Em seu sentido etimológico, tal lexema indica duas rotas de significação: a primeira *ferus* e a terceira *ferócia, ae* vinculam-se principalmente a propriedades, ora de cunho negativo como selvagem, bravio, violento; ora admitindo também uma conotação positiva: coragem e valor. A segunda acepção tem origem no verbo *effêro, as, ávi, átum, áre*, cuja acepção é “tornar feroz”; “tornar furioso”, representando uma mudança de estado a partir de um verbo de processo. Na tentativa de parafrasear esta construção encontramos expressões equivalentes de uso muito freqüente na língua: “virar fera”, “ficar uma fera”, o que é confirmado pelo Dicionário de Usos (Borba, 2002: 702): **(ficar/estar fera) uma fera**. (ficar/estar) extremamente enraivecido; descontrolado: *Ele não estava uma fera, não! Ele estava só furioso*. A relevância desta informação sinaliza a hipótese de que ambas acepções já comparecem juntas desde o seu sentido etimológico, indicando os sentidos positivo e negativo. De igual modo, as acepções metafóricas do ‘fera’ evocam sua dimensão intensificadora.

D) MONSTRO

‘MONSTRO’ e ‘GIGANTE’ originam-se na esfera mítica, literária. Daí a acepção de ‘ser fantástico’, de conformação extravagante, ou de animal excessivamente grande, de aspecto espantoso (Novo Dicionário Aurélio). Quando a referência é humana, a acepção metafórica de ‘monstro’ presente nos dicionários parece evocar **intensidade** (grandeza mais abstrata) de uma propriedade, com **valor positivo ou negativo (competência, agressividade)**

Indivíduo que causa pasmo, assombro; monstruosidade (Novo Aurélio)
 Ela é um monstro no piano!
 Pessoa cruel, feroz, desumana, perversa. (Caldas Aulete)
 O assassino era um verdadeiro monstro.

Por outro lado, quando a referência é uma entidade, parece-nos que o traço semântico mais recorrente é o **de dimensão física, grandeza**.

Enorme, colossal, gigantesco: *Pegamos um engarrafamento monstro*. (Aulete)
 Muito grande; fora do comum; colossal: *Isso precisa de uma demonstração monstro!* (Dicionário de Usos do Português)

Nossa hipótese de que o uso metafórico de monstro expande-se para um domínio de grandeza é corroborada pelas acepções supracitadas. O sentido etimológico registrado em Houaiss (2001) já aponta a dimensão física (*grande*) e sentido positivo (*maravilhoso*) atribuídos ao item:

lat. *monstrum*, i 'objeto ou ser de caráter sobrenatural que anuncia a vontade dos deuses; monstro; ser, fenômeno ou objeto descomunal, disforme ou, p. opos., **grande, maravilhoso**'; ver *monstr-*; f.hist. sXV *monstruu*.

Outra acepção merecedora de atenção é a expressão idiomática **monstro sagrado** cuja descrição aparece em quatro dos cinco dicionários pesquisados. Nesta construção, o traço de grandeza associa-se ao de talento, importância.

monstro sagrado (Houaiss)
 indivíduo, ger. artista renomado, cujo trabalho é de inquestionável valor; artista extremamente talentoso no seu ofício.
 Ex.: Cartola é um **monstro sagrado** do samba
 indivíduo renomado e que, por ser bastante conhecido e louvado, se torna uma espécie de mito intocável e isento de críticas.

E) GIGANTE

O verbete Gigante é, em sua base, associado a dimensão física, tanto no domínio de referentes humanos como de animais. A acepção de **intensidade** de outras propriedades (competência, importância), com sentido **positivo**, se aplica em dois domínios: em relação a referente humano e a organização empresarial, como ilustramos a seguir:

Animal de grande corpulência. (Michaellis)

Designação comum a seres fabulosos, de forma ger. humana e monstruosa, de estatura colossal, e que, nas diversas mitologias, surgem nos tempos primordiais, empenhando-se em lutas, em obras extraordinárias, etc. (Aurélio)

Indivíduo que sobressai no desempenho de uma atividade ou profissão (**gigante da literatura, gigante do teatro**). (Caldas Aulete)

empreendimento ou grupo empresarial que figura entre os mais importantes (em seu ramo de atividades)

Ex.: **gigante da informática**, das finanças. (Houaiss)

Aquilo que é ou se tornou extraordinariamente grande e poderoso: os gigantes da indústria automobilística.

De um modo geral, a pesquisa nos dicionários revelou-se de grande valia para a realização de nosso trabalho. Observamos a variação de acepções que cada verbete encerra, algumas delas provavelmente em desuso: *Tinha cada bicho naquele baile!* Outras, porém, bastante atuais, de uso tão presente na língua: *Ele é fera em matemática. Gigante da informática.* No que tange ao fenômeno da expansão figurativa, todos os dicionários registram o uso metafórico e em abundância, o que atendeu, assim, a nossa expectativa, uma vez que as acepções encontradas evocam, de algum modo, o caráter intensificador, escalar (superlativo) que, em nossa hipótese analítica, estamos atribuindo à rede metafórica do domínio 'animal'. Contudo, a proposta dos dicionários é a descrição do significado não a sua representação ou explicação. Sobre esta questão cabe-nos uma consideração mais precisa, sem desconsiderar as contribuições, mas apontando possíveis falhas e limitações. É precisamente a respeito disso que trataremos na próxima seção.

3.2.1 Contribuições e limites dos estudos lexicográficos tradicionais

A função primordial dos dicionários de uma língua é registrar o sentido básico de uma palavra e desvelar outros sentidos que ela assume em situações especiais. Não obstante esta contribuição, é inevitável que alguns problemas surjam, principalmente no que diz respeito à representação das expansões de significado. Um deles é o fato de *os dicionários serem inconsistentes em relação aos sentidos a identificar para uma palavra altamente polissêmica* (Silva 2003).

É fato que a proposta dos dicionários é a **descrição** do significado e não a **explicação** dos processos de significação. Assim, o estabelecimento de ‘elos’ entre as acepções figurativas que listam, uma busca fundamental para as análises linguísticas de viés sociocognitivista, é um ponto frágil no trabalho lexicográfico tradicional. De certo modo, a descrição oferecida pelos dicionários se mostra na contramão da maneira como significamos ou do modo como adquirimos o conhecimento lingüístico. O “dicionário” que dimensiona nossa competência linguística do léxico não é, de fato, uma lista aleatória de itens, com seus significados. Nosso léxico é uma rede complexa de construções em suas multidimensões (Jackendoff 2002).

Uma das grandes dificuldades enfrentadas pelos lexicógrafos é a organização das acepções no dicionário. Tal dificuldade é posta, nos termos de Geeraerts (1990 *apud* Silva 2003), como o *problema da linearização*, i.e, como conseguir projetar uma estrutura multidimensional no formato linear do dicionário? Esta, sem dúvida, é a questão mais difícil de ser resolvida, uma vez que os verbetes exibem uma ordenação essencialmente linear das acepções e, novamente, sem estabelecer elos entre as acepções que listam.

De acordo com nossa análise, parece-nos que os dicionários também são

sensíveis a este problema, e buscam, de alguma forma, minimizá-lo, com a utilização de algumas técnicas, como a organização do verbete, a etiquetagem e a apresentação dos contextos de uso em que determinado significado pode ser aplicado.

Quanto à organização do verbete, há uma preocupação dos dicionários Houaiss, Caldas Aulete, Novo Aurélio e o Dicionário de Usos do Português, em estabelecer uma relação entre as diversas acepções do verbete. O dicionário Houaiss, por exemplo, organiza o verbete através de seções como Etimologia, que apresenta as transformações da palavra ocorridas no tempo, e a seção em que inclui relações lexicais como Sinônimos, Antônimos e Homônimos. Há ainda o item Rubrica, que nos permite apreender o domínio ao qual a palavra está vinculada, se ao esporte, à política, filosofia, biologia, futebol, etc.

A reformulação da organização interna é também uma preocupação do Caldas Aulete que, a nosso ver, hierarquiza as acepções em dois grandes blocos denominados **verbetes original** e **verbetes atualizado**. O verbete original abrange o sentido básico e aqueles que mais se aproximam dele. Já o atualizado explora as derivações de sentido e faz uso de etiquetas que auxiliam o entendimento do contexto em que a palavra é utilizada, se no uso informal admitindo assim o sentido pejorativo (Pej.), a Gíria (Gír.) ou como expansão figurativa (Fig.). O Dicionário de Usos (Borba, 2002), assume uma categorização do verbete a partir de uma teoria linguística de traços semânticos e sintáticos, hierarquizando as acepções a partir dos traços e valores compartilhados.

Contudo, acreditamos que as técnicas apresentadas apenas minimizam o problema, uma vez que os elos entre os significados ampliados permanecem sem solução. Tal questão requer um modelo explicativo que busque *dar conta* do modo como nós, seres humanos, realmente significamos. Neste sentido, uma proposta

explicativa é elaborada (c.f seção 2, p.2) através da composição de uma rede metafórica do domínio animal, visando estabelecer os elos e a motivação para o uso tão freqüente de tais nomes, justificando assim a produtividade deste fenômeno. Por acreditarmos que os elos desta rede estão fortemente sustentados por uma motivação de dupla natureza: metafórica e metonímica, passamos a discutí-la na próxima seção.

3.3 A Rede Lexical do Domínio 'Animal' como Operadora Escalar

Na presente seção, passamos à análise de um dos **nódulos** da **extensa** rede metafórica do domínio 'animal', de modo a comprovar as hipóteses anunciadas no presente capítulo e que retomamos aqui, de modo mais detalhado, com o objetivo de dar maior clareza à agenda analítica que passamos a desenvolver.

Nossa hipótese é de que os itens lexicais do domínio animal – 'animal', 'bicho', 'fera', 'monstro', 'gigante' - mediante expansão semântica e/ou categorial, promovida por projeção figurativa, passam a atuar como OPERADORES SEMÂNTICOS DE ESCALA dentro da configuração seguinte:

- i. Expressam GRAU/VALOR superlativo;
- ii. Expressam domínios de propriedades VARIÁVEIS, como competência, potência, dimensão, dentre outras;
- iii. Implicam inferências avaliativas – positivas ou negativas;
- iv. Configuram-se como estratégia discursiva de auto-expressão, revelando atitudes e crenças do falante.

A partir das hipóteses anunciadas, nossa agenda analítica assim se organiza:

- I. Descrever a dimensão semântico-pragmática e formal da rede lexical em foco.
- II. Desvelar a motivação conceptual – esquemas imagéticos e processos metafóricos e metonímicos – dessa rede de modo a compreender os possíveis elos cognitivos que a instituem.

Para tanto, começamos com a análise da dimensão semântico-pragmática (3.3.1) para em seguida considerar a motivação conceptual do nóculo da rede (3.3.2). A dimensão formal ocupa a seção seguinte (3.3.3). Por último, nos detemos nos padrões construcionais (types) e de ocorrência da rede lexical (frequência de tokens) de modo a configurar, de modo mais preciso, os padrões reais de uso dos operadores escalares em foco.

3.3.1 A dimensão semântico-pragmática de uma rede lexical ‘animal’

Conforme anunciamos, nossa principal hipótese analítica recai sobre a mudança semântica que confere aos itens lexicais do *frame* de ‘animal’ - ‘animal’, ‘bicho’, ‘fera’, ‘monstro’ e ‘gigante’ - o estatuto mais abstrato de OPERADORES ESCALARES. Dito de outro modo, significa que, em sua dimensão metafórica, tais itens, de natureza mais concreta, são reanalisados como **construções modificadoras de grau**. Antes de buscarmos comprovar o estatuto semântico de operadores de escala que estamos atribuindo aos itens lexicais arrolados, cabe nos determos sobre a dimensão conceptual do domínio-fonte desta rede lexical – o *frame* conceptual de ‘animal’.

Em uma descrição aligeirada desse *frame*, nos termos propostos por Lakoff (1987, p. 285) e voltada para nossos interesses analíticos específicos, limitaremos a considerar a sua ONTOLOGIA. Os elementos em uma ontologia podem ser ou conceitos de nível básico - entidades, ações, estados, propriedades etc - ou

conceitos caracterizados por modelos cognitivos de outros tipos. São entidades cognitivas, não coisas reais. No caso do *frame* de 'animal', um aspecto de sua ontologia de interesse para nossas descrições são as ENTIDADES NATURAIS que a integram, quais sejam:

1. Categorias de Nível Básico (CNB): gato, cachorro, papagaio, rato, burro...
2. Categorias super-ordenadas: animal, bicho, fera...
3. Categorias sub-ordenadas: cascavel, jararaca, piranha, traíra...

Interessam-nos também os atributos dessas entidades e seus comportamentos que teriam relevo na projeção metafórica em estudo. Assim, teríamos traços como *animacidade, agentividade, irracionalidade, força bruta, dimensão física, estratégias de defesa, comportamentos de meio de sobrevivência, dentre outros*. A projeção metafórica do *frame* de 'animal', em suas múltiplas entidades, atributos e comportamentos é um fenômeno lingüístico altamente produtivo, com uma alta freqüência tipológica (cf. seção 4.4). A princípio, parecemos que **todas** as entidades da ontologia do *frame* de animal podem servir como domínio-fonte de um processo figurativo metafórico ou metonímico. É assim que, nos termos da Metáfora da Grande Rede, humanos (e outras entidades) podem ser conceptualizados como animais de todos os tipos (cães, ratos, formigas, baratas, elefantes...). Uma pequena mostra disto, com projeções no domínio humano, pode ser vista no quadro 1 abaixo. Os exemplos são de CNBs, cujos atributos e comportamentos projetam-se em termos de propriedades e comportamentos humanos, conforme podemos verificar na primeira coluna. Os atributos e propriedades de maior relevância seriam a força física e dimensão avantajada, traços semânticos mais expressivos no domínio fonte.

Ressalte-se o fato de que todos os tipos (types) impõem um **valor escalar superlativo** e uma **avaliação majoritariamente negativa**.

CNB	ATRIBUTO, COMPORTAMENTO DOMÍNIO-FONTE ANIMAL	PROPRIEDADE, COMPORTAMENTO DOMÍNIO-ALVO HUMANO	VALOR	
			Positivo	Negativo
Cavalo	Força física Comportamento de defesa “dar coice”	Agressividade Brutalidade <i>O seu irmão parece um cavalo.</i>		X
Baleia	Dimensão física avantajada	Obesidade <i>Nem fazendo dieta ela deixa de ser baleia.</i>		X
Leitão	Dimensão física avantajada	Obesidade <i>Eu já conheci uma gótica, afff ela cheirava a alho e parecia um leitão em dia de Halloween!</i>		X
Porco	Comportamento instintivo de sobrevivência Atributo: sujeira	Sujeira física ou moral <i>É uma maneira porca de se safar do problema.</i>		X
Touro	Força física Dimensão	Força física, resistência <i>Sempre foi um touro no trabalho.</i>	X	
Rato	Comportamento instintivo de sobrevivência	Covardia Comportamentos de apropriação indevida (roubos, furtos, latrocínios) <i>O nosso prefeito é um rato.</i>		X

QUADRO 1 – Entidades do *Frame* de ‘Animal’ e sua atuação como Operadores Escalares

Conforme já explicitamos, contudo, nosso objeto constitui-se de um **pequeno nóculo** dessa ampla rede do *frame* de ‘animal’. Recortamos como foco de nosso estudo um grupo de entidades naturais desse *frame*, as categorias superordenadas ‘animal’, ‘bicho’, ‘fera’, além dos itens lexicais ‘gigante’ e ‘monstro’ que se agregam aos três primeiros através de uma relação ‘familiar’ de prototipia, partilhando propriedades, tais como animacidade, agentividade, força física e dimensão avantajada. Tendo este *frame* como domínio-fonte, a projeção metafórica em foco provoca, portanto, a reanálise semântica de tais itens lexicais dentro do *frame* de escala. É o que trataremos a seguir.

Para que possamos mensurar, de modo mais claro, a dimensão semântica escalar de nossa rede lexical, passamos a operar com o conceito de *frame* proposto

dentro do projeto lexicográfico computacional Framenet (cf. seção 2.3)

De acordo com Fillmore (2003) o *frame* pode ser definido como um mega instrumento de descrição, análise e organização do léxico, que possibilita caracterizar todas as categorias de palavras, frases e expressões, utilizando o mesmo aparato cognitivo – o *frame*. É a partir desta perspectiva que o projeto lexicográfico computacional Framenet (<http://framenet.icsi.berkeley.edu/>) se estrutura. Sua finalidade é identificar e descrever *frames*, analisar o significado das palavras e estudar suas propriedades sintáticas. Suas unidades básicas de análise são o **frame** (estruturas conceituais internamente complexas) definidos em termos de **Elementos do Frame** (participantes da cena conceptual que os integram) e a **unidade lexical** (UL), sendo esta definida como um pareamento de forma e significado. Assim sendo, tomamos deste projeto o *frame* de POSIÇÃO EM UMA ESCALA (POSITION ON A ESCALE), traduzindo-o.

Posição em uma escala

Definição: As palavras neste *frame* descrevem a posição estática de um **Item** em uma escala referindo-se a alguma **Variável** de propriedade.

Elementos do *Frame*: (EFs)

Centrais:

- **Item [Item]** – O EF **Item** identifica a entidade cuja propriedade escalar é especificada.

Bacon é alto/rico em gordura. (**Bacon** is high in fat)

- **Valor [Val]** – O EF **Valor** corresponde à posição ou variações de posição que o **Item** ocupa em uma escala.

Este carro está com o preço **alto**/caro. (This car is **high** in price.)

- **Variável [Var]** – O EF **Variável** é a propriedade escalar que o **Item** possui.

Refrigerante tem um alto/rico teor de **açúcar**. (**Soda** is high in **sugar**.)

Não-centrais:

- **Grau** – Este EF identifica o **Grau** para o qual a propriedade escalar de um **Item** retém com respeito a alguma **Variável**.

Bacon é **muito alto**/rico em gordura. (Bacon is **very** high in fat.)

Tomemos os **EFs** (ELEMENTOS DO FRAME) que configuram a cena perspectivizada pelo frame acima (ITEM, VALOR, VARIÁVEL E GRAU) e exemplos de ocorrências de nosso corpus:

- (12) *Procuram-se profissionais Java*
*As empresas de tecnologia avisam: a demanda por quem é **fera** em Java está em alta.* (Info)
- (13) *João Gordo é assim, ciclotímico. Tem crises de mau humor e simplesmente odeia piadas de gordo. **Fica uma fera** e é capaz de partir para cima daquele que disser que com ele o pneu do carro abaixa, a piscina esvazia.* (Veja)

No primeiro exemplo, as inferências semântico-pragmáticas plausíveis em relação a ‘fera’ remetem, claramente, a uma posição escalar superlativa, hiperbólica (EF Grau) de uma propriedade (EF Variável – COMPETÊNCIA, neste caso) atribuída a um ‘profissional’ (EF Item). Parafraseando, temos ‘*a demanda por quem é **fera/muito competente** em Java*’.

Se tentarmos fazer a anotação semântica deste exemplo, uma dificuldade emergirá de pronto. É que o processo de lexicalização em foco, metaforicamente promovido, representa uma forte compressão do frame de POSIÇÃO NA ESCALA. Como ilustramos acima, temos o EF Item expresso pelo item lexical ‘profissional’, enquanto os demais EFs inferíveis da cena são expressos por um **único item** – ‘fera’. Assim, a metáfora lexical ‘Fera’ impõe VALOR/GRAU (superlativo) e VARIÁVEL (competência).

O segundo exemplo também aciona inferências semântico-pragmáticas que remetem a uma posição escalar superlativa, hiperbólica (EF Grau), mas de uma propriedade de outra natureza (EF Variável – AGRESSIVIDADE) atribuída à pessoa ‘João Gordo’ (EF Item). Numa paráfrase, teríamos ‘*Tem crises de mau humor e **fica uma fera/muito bravo***’. Embora os EFs inferíveis da cena também estejam

concentrados no item 'fera', neste caso a cena oferece mais elementos para inferência de um contexto de AGRESSIVIDADE, que atuam como desencadeadores, intensificando o processo.

De fato, em processos de reanálise de um item lexical mais concreto para uma cena mais abstrata temos, via de regra, uma **forte redução da composicionalidade semântica (TRAUGOTT, 2007, p. 547)**, o que significa dizer que o todo se torna (AINDA) mais complexo e mais rico que a soma das partes que integram. Tal redução sinaliza a um só tempo a forte dimensão pragmática da construção.

Assim, nos exemplos em foco, a inferência mais relevante envolvida no processo de significação, o **valor superlativo** de uma propriedade (esta relevância decorre do fato de sinalizar o estatuto de operador escalar para a construção.), já teria se estabilizado, se convencionalizado como definição do estatuto semântico da construção metafórica em foco - **uma construção modificadora de grau ou operadora escalar**. Já a definição da propriedade a que se atribui um grau (a associação de 'fera' a competência ou a agressividade, cf. seção 3.2) envolve uma tarefa a mais - o efeito polissêmico só é resolvido, no contexto pragmático, discursivo, como podemos verificar nos exemplos acima (12 e 13).

A avaliação **positiva ou negativa** ainda imposta, de modo pragmático, em cenas como estas, emerge como uma marca discursiva de subjetificação, de auto-expressão de crenças e atitudes (TRAUGOTT, 2007, p.543) "Significados tendem a se tornar cada vez mais baseados em atitudes e crenças subjetivas dos falantes em relação ao que está sendo dito."

As dimensões semântica e pragmática acima apresentadas têm, a nosso ver, uma motivação conceptual que passamos a apresentar na próxima seção. Em nossa perspectiva, sustentada pela Linguística Cognitiva, as implicaturas

pragmáticas que dimensionam processos de significação aqui estudados, podendo resultar na estabilização semântica dos mesmos como operadores escalares (cf. seção types), não prescindem da dimensão conceptual que atua como uma força motivadora do léxico e da gramática.

3.3.2 A Motivação Metafórica e Metonímica para a Rede Lexical ‘Animal’

Começemos por retomar aqui as premissas que fundamentam a base experiencial de nosso pensamento e linguagem (cf. cap. 2. seção 2.2):

- i. Centralidade da experiência na arquitetura de nossos sistemas conceptuais
- ii. Existência de estruturas pré-conceituais da experiência
- iii. Existência de domínios complexos de conhecimento (*frames*)
- iv. Centralidade das projeções metafóricas

A assunção de tais fundamentos guia nossa agenda analítica, qual seja, a de desvelar a motivação conceptual – esquemas imagéticos e processos metafóricos e metonímicos – da rede lexical em estudo de modo a compreender os possíveis elos cognitivos que a instituem. Tomemos as bases imagéticas de nossa rede ‘animal’. Uma pergunta antecede e ajuda a desvelar as bases primárias dessa rede metafórica: **por que a escolha de itens lexicais do *frame* de ‘animal’ para expressar *frame* de escala?**

A resposta começa pelo reconhecimento de que esta é apenas uma das escolhas dentre um inventário amplo de **construções modificadoras de grau**. *Frames* que operam com noções mais concretas como quantidade, tamanho/dimensão, localização horizontal ou vertical, peso, força constituem-se, não só no Português, como em muitas diferentes línguas, como domínios-fonte de

construções metafóricas escalares, como ilustram os exemplos a seguir:

14. *É uma repórter **de mão cheia!*** (quantidade como escala de intensidade)
15. *Um amor **imenso, enorme*** (dimensão/tamanho, como e intensidade)
16. *Este operário é um **trator*** (força/peso como intensidade de uma propriedade)
17. *Uma alegria **profunda*** (verticalidade como intensidade)

No nóculo do *frame* de ‘animal’ que temos como objeto, as propriedades que emergem claramente são FORÇA e DIMENSÃO/TAMANHO. **Qual seria, pois, a motivação cognitiva basilar para tal projeção?** Nossa hipótese está no ESQUEMA IMAGÉTICO DE FORÇA (e em outros esquemas basilares que com ele se integram) e na METÁFORA PRIMÁRIA dele derivada ‘CAUSA É FORÇA FÍSICA’. É nessa direção que passamos a desenvolver nossos argumentos analíticos.

3.3.2.1 O Modelo de Dinâmica das Forças

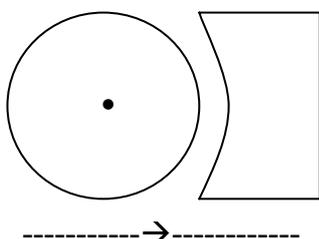
Conforme explicitamos (cf. cap.2 seção 2.2.2.1), o Modelo da Dinâmica das Forças (Talmy 1988, 2000), como um esquema imagético, projeta-se dando origem à metáfora primária – CAUSA É FORÇA FÍSICA. Em relação ao nosso objeto de pesquisa, tal esquema imagético e a metáfora dele originada permitem-nos oferecer uma explicação para as bases conceptuais da construção operadora de escala que estamos investigando.

Considere-se, em primeiro lugar, o principal traço que emerge do domínio-fonte (o *frame* de ‘animal’) para o domínio-alvo (o *frame* de escala), qual seja, **a força animal**. Esta é a força física que entra em jogo, projetando-se, no domínio-alvo, como CAUSA de uma propriedade alcançar a posição superlativa, hiperbólica

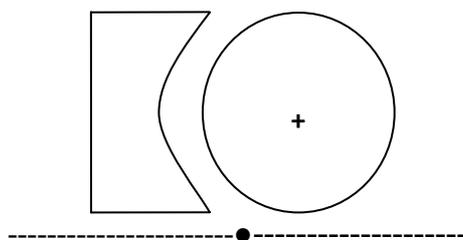
na escala. Some-se a isso o cenário agonístico evocado pelas cenas suscitadas pelas metáforas lexicais do *frame* de 'animal'. As propriedades escalares a que tais itens remetem (competência, potência sexual, potência tecnológica, agressividade, dentre outros) sugerem *frames* de competição, sugerem *frames* de competição, rivalidade, em que a força, como causa, se projeta figurativamente tornando-se alvo da disputa entre o Agonista, um dos elementos do *frame* 'animal', e o Antagonista (entidade/pessoa) ocorre de três maneiras:

- **O Agonista impõe algum tipo de força sobre o Antagonista, gerando movimento:** (18) *A exemplo do que aconteceu com Indira, Cleonice acabou picada pelo "bicho do estudo" e não quer mais parar. No segundo semestre, ela começa o mestrado em Educação Ambiental.* (Nova Escola)
- **O Agonista neutraliza a força exercida pelo Antagonista, resistindo ao movimento:** (19) *Comprei ontem um DVD Gradiente D-460, mas não to conseguindo fazer o bicho funcionar corretamente de maneira alguma.* (Info)
- **O Agonista tenciona impor sua força, mas é dominado pelo Antagonista:** (20) *O apetite, antes um monstro insaciável a urrar dia e noite na barriga, serenava com algumas poucas garfadas no rosbife.* (Veja)

Os três esquemas propostos evocam cenários de disputa da força, através do exercício de algum tipo de dominação. Em *acabou picada pelo bicho do estudo e não quer mais parar*, há uma tendência do Agonista (bicho do estudo) a desempenhar algum tipo de força sobre o Antagonista (Indira) suficiente para que ele saia do repouso e realize um movimento ou algum tipo de mudança. Tal força atua como um estímulo que em sua escala mínima gera um efeito significativo. O diagrama abaixo representa a força que o Agonista exerce sobre o Antagonista. O círculo e a seta no tracejado correspondem ao Agonista e sua tendência ao movimento, enquanto a figura côncava representa o Antagonista.



Diferentemente do segundo exemplo: *mas não to conseguindo fazer o bicho funcionar corretamente de maneira alguma*; em que a força aplicada pelo Antagonista sobre o Agonista (o bicho) é menor do que sua tendência ao repouso. O Agonista, de fato, neutraliza a força aplicada pelo Antagonista, desta vez pela imobilidade. A força neste caso, mesmo aplicada em sua escala máxima (de maneira alguma) não surte o efeito desejado. A figura abaixo representaria através do círculo, a tendência intrínseca ao repouso do Agonista e o sinal de mais, o fato de ele ser o mais forte; enquanto a figura côncava corresponde ao Antagonista e o tracejado mostra a resistência do Agonista a mover-se.



No terceiro exemplo, o Agonista (o apetite) tenta, em vão continuar a exercer sua força, mas o Antagonista (implícito) o impede de continuar agindo na mesma intensidade de antes. O frame de força animal, neste caso, é suscitado pelo verbo *urrar* que por analogia ao animal, evoca a força em escala máxima, e pelo verbo *serenava*, evoca uma diminuição gradativa desta força, numa escala descendente, suscitando assim o exercício de algum tipo de controle, de subjugação.

A tendência ao repouso do Agonista mediante uma contraforça aplicada pelo Antagonista pode ser conferida nos exemplos a seguir.

(21) *Natal em novembro?*

*“Tem gente que pega o 13. salário, torra e começa o ano cheio de dívidas”, comenta um carioca. Desde que o **monstro** da inflação perdeu os dentes e deixou de assustar, suaves prestações fazem parte da vida. (G1)*

- (22) *A introdução da nova moeda (o real), em meados de 1994, foi pouco a pouco amansando o **monstro**. No ano passado inteiro a inflação não chegou a 7%. (Veja)*
- (23) *Maior que a Shell, no Brasil, só a BR, a distribuidora da estatal Petrobras. Mas agora a **gigante** entregou os pontos.*

Podemos observar que, nos exemplos (21) e (22) as forças impostas por um Antagonista sobre o Agonista atuam de forma gradativa, visando neutralizar sua agressividade e poder de destruição, sendo que em (23) esta gradação chega ao ponto máximo, culminando com a entrega, a rendição do Agonista. Curiosamente nos exemplos (21) e (23) a situação de força imposta pelo Antagonista está implícita, subfocalizada na cena, enquanto no exemplo (22) tal força é apresentada como uma causa que, numa escala descendente, estabelece uma relação de causa e efeito (a introdução da nova moeda) afeta diretamente na redução do índice da inflação.

Entretanto, tal esquema não se apresenta como o mais freqüente em nosso *corpus*. De acordo com nossos dados, o modelo mais freqüente é o primeiro, qual seja, **o Agonista impõe algum tipo de força sobre o Antagonista, com tendência ao movimento.**

- (24) *Fernando Alonso é o nome do herói. Uma **fera**, que derrotou Schumacher numa corrida em que o alemão se superou, virou **monstro** e pilotou como nunca na vida. Partiu de um incomodo 13o lugar no grid para lutar por uma vitória que serviu de aviso de que ele chegou para **arrasar**. (Grid)*
- (25) ***Competir** não é pecado. Não? Também não é privilégio dos ambientes das corporações. No século XIX, a universidade foi descrita como o "reino **animal** do espírito" pelo filósofo alemão Hegel. Aquele lugar onde as pessoas **disputam** a notoriedade entre si e **querem acabar umas com as outras**. (Exame)*
- (26) *Comprar o Banespa é uma questão de honra. Nenhum banco quer permitir que o outro se torne um **monstro gigantesco**, muitos anos-luz distante da **concorrência**. O Unibanco, também se sabe, vai dar tudo que pode para ficar com o Banespa. (Veja)*

Neste cenário agonístico, a ‘fera’, o ‘monstro’, o ‘animal’, o ‘bicho’ e o ‘gigante’ são os AGONISTAS que controlam ou impõem forças sobre seus ANTAGONISTAS, como vemos nos exemplos acima. De fato, nestes exemplos, o Agonista é o mais forte, o resultado da interação de forças é o movimento. Assim, em (24) estar em 13º lugar constituiria motivo mais que suficiente para a tendência de não acreditar numa possível vitória, levando-o deste modo a uma posição de passividade ao repouso, à desistência de lutar. No entanto o Agonista supera as expectativas sobrepondo-se às forças atuantes de modo contrário. Em (25) e (26) temos um *frame* de competição que se caracteriza pela disputa de forças, que muitas vezes implica em atitudes mais drásticas como acabar com o inimigo, ou como em (26) na aplicação de forças pelo Antagonista de modo a impedir o crescimento e desenvolvimento do Agonista, no entanto, a força deste é maior, predominando sobre a do Antagonista.

Curiosamente a representação do primeiro esquema, a de um Agonista que impõe algum tipo de força sobre o Antagonista com tendência ao movimento é o tipo de representação predominante nos exemplos de nosso *corpus*. Outros exemplos deste esquema seriam:

- (27) *A Argentina, que não assustou ninguém com sua atuação contra a Costa do Marfim, **virou de repente o bicho-papão que vai passar por cima de qualquer adversário.*** (Veja)
- (28) *No princípio eram apenas os jogadores da rede que atacavam. Em 1976, o **gigante polonês Tomasz Wójtowicz mudou o rumo da história.*** (Esporte)
- (29) *Garrafas pet gigantes no Tietê poderão ser visitadas de barco. O criador de “Pets” diz que pretende chamar a atenção para o poluído Tietê que, na sua avaliação, foi vital para a construção da cidade e acabou esquecido pela população. “Parece que o rio é invisível. **As esculturas gigantes são uma tentativa de fazer essa reativação visual, que o público volte a enxergar.**” “Um dos objetivos é causar impacto e estranhamento em um número imenso de pessoas, para ver se isso dá algum retorno em termos de reflexão.* (G1)

- (30) **"Agora virei bicho", proclamou o Miguel. "Chegou a hora de agir!"**
E agir significa... Falar - Bonzinho, por natureza, é ouvinte. (Exame)

De fato os exemplos acima demonstram a imposição de algum tipo de força por parte do Agonista, no caso de (27) e (28) a aplicação de forças visa não apenas sair do repouso (*A Argentina que não assustou ninguém contra a Costa do Marfim*), mas sim gerar movimento de forma tão intensa, que muitas vezes implique numa metamorfose (*virou de repente o bicho-papão*), talvez como único recurso para virar um jogo, ou (*mudar o rumo da história*). Em (27) e (28) temos a projeção da força no domínio esportivo, no qual já se espera uma atitude de afronta, agressiva. No entanto, em (29) este mesmo esquema de força é projetado agora de forma indireta, através de algum tipo de instrumento (*As esculturas gigantes são uma tentativa de fazer essa reativação visual, que o público volte a enxergar*) com o intuito de causar impacto no outro, desta vez pela reflexão. Parece-nos que a única forma de despertar da letargia é através do exercício extremo da força (no outro ou em si mesmo), de maneira direta ou indireta, para se obter algum tipo de efeito. Assim, em (30), a inferência plausível para o comportamento do Agonista (Miguel) seria a tendência ao repouso, à passividade. No entanto, há uma ruptura desta tendência ao repouso impondo uma aplicação de forças em sua escala máxima (*Agora virei bicho*), para gerar algum tipo de movimento ou mudança (*Chegou a hora de agir*). Neste caso, a aplicação de forças é tão intensa a ponto de gerar uma metamorfose no próprio Agonista, ou seja, é necessário que alguém "vire bicho" para que alguém seja ouvido respeitado, o que implica em quebrar o estereótipo de bonzinho, visto como sinônimo de passividade.

Outra questão a ser discutida é a motivação metafórica para o uso destes itens lexicais, como podemos verificar no quadro a seguir.

CATEGORIAS SUPER ORDENADAS	ATRIBUTO, COMPORTAMENTO DOMÍNIO-FONTE ANIMAL	PROPRIEDADE COMPORTAMENTO DOMÍNIO-ALVO HUMANO E ENTIDADE	VALOR	
			Positivo	Negativo
Animal	• Força física	Força física e agressividade	X	X
Bicho		Força física e agressividade	X	X
Fera	• Comportamento instintivo de ataque e de dominação	Força física e agressividade	X	X
Gigante		Dimensão física, Força física	X	X
Monstro	• Dimensão física avantajada	Dimensão física, Força física.	X	X

Quadro 3: Motivação metafórica do domínio 'animal'.

Este quadro exhibe a distribuição dos itens lexicais a partir da sua hierarquia, dos atributos comportamentais, de suas propriedades de comportamento e valores. Assim, na primeira coluna os itens pertencem à categoria em nível superordenado, um nível mais inclusivo, mais superior e com maior grau de complexidade do que as CNB. Na segunda coluna, os itens são categorizados por seus atributos comportamentais mais salientes, Animal Bicho e Fera destacam-se pela força física e comportamento instintivo de ataque, dominação ou defesa; já em Monstro e Gigante, o que se destaca é a dimensão física exagerada, embora todos estes itens também exerçam potencialmente sua força. Na terceira coluna comparecem as propriedades relevantes na projeção emergente, a força é o traço predominante na projeção de todos os itens, já o de dimensão física possui uma projeção mais restrita (Monstro e Gigante).

O quadro acima, o modelo de dinâmica das forças e os exemplos analisados, reiteram de forma veemente o que, de fato caracteriza a nossa rede semântica, a atuação dos itens como operadores escalares, com intensidade máxima. Assim, todos os itens Fera, Monstro e Gigante, Animal, Bicho, tomados,

na fonte pelo seu traço de força e dimensão ameaçadoras, associados primeiramente a valores negativos, presentes no domínio fonte, como a seguir:

- (31) *No domingo papai me levou à praia, depois ao shopping. Tirou a minha roupa e eu me senti um caranguejo. “Ele é **um monstro**, um vampiro.” O encontro da sexualidade adulta com a infantil é muito violento. (Veja)*

Contudo, em outros contextos, quais sejam, no desempenho profissional, estes itens despertam, em sua extensão metafórica, respeito e admiração, por obterem êxito no que fazem. O que nos leva a acionar o esquema (X é bem sucedido em Y, X é uma fera/monstro).

- (32) *Carreira: ele é **fera** no assunto. Quando se trata de saber onde investir bem o dinheiro, Marcos Preto, do Banco Schahin, **arrebenta**. Mesmo num ano com economia complicada. (Veja)*
- (33) *Milhões de americanos sonham com o maior casamento político do nosso tempo, Obama e Hillary na mesma chapa. Sonho impossível. Numa mesma casa não cabem **um gigante, uma fera** e um Bill. (blog)*

Outra metáfora primária disputa espaço nesta cena: “IMPORTANTE É GRANDE”, que integra um grupo de metáforas pervasivas em nosso sistema conceptual evidenciando o papel estruturador que o domínio-sensório motor exerce sobre a experiência subjetiva. Conforme já explicitamos, (cf. cap.2 seção 2.2.4.1) para uma criança pequena, a experiência subjetiva de importância está tipicamente correlacionada à experiência sensório-motora de tamanho, dimensão física. Estas associações, produzidas em tenra infância, irão se fixando de tal modo que, permitirão à criança presumir como base a existência de uma correlação entre o tamanho de um objeto ou pessoa e a sua relevância ou importância para nós, daí o uso da expressão: *Amanhã é um grande dia para a companhia*.

Esta metáfora primária se mostrou muito produtiva na seleção e justificativa

de traços semânticos mais relevantes, aplicados à análise dos itens MONSTRO e GIGANTE. Em relação a Monstro esta metáfora explica, em grande parte a expansão figurativa deste item no domínio artístico, e em Gigante a projeção é mais nítida em um domínio empresarial, como ilustram os exemplos:

- (34) *A grande dama, o monstro sagrado, a melhor de todas: seja qual for a ocasião pelo menos uma dessas alcunhas vem sempre anexada ao nome de Fernanda Montenegro, como se fizesse parte dele. Nada intimida mais do que um **monstro sagrado**.* (Veja)
- (35) *Marina Picasso, por exemplo, lançou um livro de memórias em que o avô é descrito como um monstro com as mulheres. Na arte, ele também foi um monstro, mas dos sagrados.* (Veja)
- (36) *No que pode ser o início de um dos maiores negócios da história do mundo digital, a **gigante americana** de softwares Microsoft ofereceu, nesta sexta-feira, 4,6 bilhões de dólares pelo Yahoo, como estratégia para ganhar musculatura contra a principal rival da empresa de Bill Gates, o Google.* (Exame)

As análises acima que têm o Modelo da Dinâmica das Forças como motivador conceptual da construção lexical em estudo começa a iluminar uma questão postulada na seção anterior, qual seja a razão da escolha de itens lexicais do *frame* de 'animal' para expressar *frame* de escala. Mas as bases conceptuais dessa rede lexical não se esgotam aí. Na próxima seção passamos a considerar as metáforas conceptuais (cf. cap. 2) que também participam da arquitetura semântica desse *frame* 'animal' escalar.

3.3.3 As Metáforas Conceptuais concernentes ao *Frame* de 'Animal'

Em relação às metáforas conceptuais evocadas no *frame* 'animal', temos na primeira, PESSOAS SÃO ANIMAIS, um tipo de metáfora convencional que apresenta, no domínio fonte um animal, e no domínio alvo, o ser humano. Deste modo, traços de animais são projetados em características humanas, e temos com isso o correspondente mapeamento PESSOAS SÃO ANIMAIS. Nos termos de Fauconnier e Turner (1994) tal metáfora criaria um espaço mental de mesclagem, no qual qualidades humanas e animais sofrem uma fusão, o que nos permitiria entender as expressões a seguir:

(37) *'Homem-marmota' é multado em R\$ 1 milhão por cavar túnel (G1)*

(38) *TRAÍRA OU CORRETO?*

*Dia desses, ouvindo a CBN o apresentador Heródoto Barbeiro comentou sobre uma idéia absurda a nós brasileiros. Dizia ele que um aluno de uma universidade estadunidense denunciou um colega de turma que colava durante a realização de uma prova. E o comentário prosseguia, com o apresentador dizendo que não estamos acostumados com certo tipo de atitude que, na pior das circunstâncias, seria normal. Agora, imaginar esse cidadão em minha sala de aula seria difícil. Seria difícil imaginar que eu ou meus companheiros dividiríamos a mesa com o dedo-duro safado... (Ih, lá vem o CDF dedo-duro, **traíra**, vamos embora...). (Blog)*

Esta metáfora também é apresentada em Lakoff e Turner (1989), que descobrem, em uma análise da força das metáforas poéticas em poemas e provérbios, sua presença marcante, deduzindo, assim, que ela está fortemente enraizada em nossa cultura, a ponto de ser incluída na METÁFORA DA GRANDE CADEIA (THE GREAT CHAIN METAPHOR). A GRANDE CADEIA do seres (1989, p.170-171) é um modelo cultural que hierarquiza os seres e respectivas propriedades em uma escala vertical, na qual os seres "superiores" estão acima dos seres "inferiores" e por sua vez, todos os seres fazem parte de uma GRANDE

CADEIA. Esta metáfora propõe uma escala de cima para baixo nos termos a seguir:

HUMANOS: atributos e comportamentos de elevada ordem (e.g pensamento e caráter);
 ANIMAIS: atributos e comportamentos instintivos;
 PLANTAS: atributos e comportamento biológico;
 OBJETOS COMPLEXOS: atributos estruturais e comportamento funcional;
 COISAS FÍSICAS NATURAIS: atributos e comportamento físicos naturais.

Em relação ao nosso objeto de estudo, verificamos que o modelo da GRANDE CADEIA dos seres oferece uma valiosa contribuição para uma compreensão da rede metafórica em estudo e da produtividade deste fenômeno, evidenciando a expressividade do domínio animal, cuja projeção aplica-se a **humanos**, mas também a **entidades**. O que a análise dos dados evidenciou, até o presente momento, é que o padrão de uso mais freqüente refere-se a entidade. Assim, pode-se ter, de acordo com a teoria da GRANDE CADEIA acima, PESSOAS COMO ANIMAIS, nos mais variados domínios conceptuais humanos (esporte, música, entretenimento, arte, profissão, e até no de sexualidade). De igual modo a teoria nos permite postular a metáfora OBJETOS COMPLEXOS SÃO ANIMAIS - máquinas (moto, carro, avião, computador, celular...):

- (39) *Outro que deve impressionar é o Dodge Viper, "**monstro**" com motor V10 de oito litros e 405 c que custará US\$ 110 mil no Brasil será trazido pela Chrysler. (Veículos)*
- (40) *Tampinha invocado.
 Menor computador do mundo é o título reivindicado pelo PowerPack, da HyperData. O **bicho** mede apenas 5 por 15 centímetros e, na ausência de um monitor, pode ser conectado à TV. (Super)*

E a referência pode ser estendida a empresas em seus mais variados setores (tecnologia, alimentícia, combustíveis, como nos exemplos a seguir:

- (41) Adobe compra Macromedia e cria **gigante do software** (Exame)

- (42) **GIGANTE COSAN VAI LANÇAR AÇÕES NA BOLSA DE NOVA YORK**
*No Brasil, a Cosan **passa como um trator** desde o início dos anos 2000, promovendo seu crescimento com aquisições e ampliação da capacidade produtiva de suas atuais usinas. Agora está investindo R\$ 650 milhões na construção de três usinas em Goiás, o chamado projeto greenfield. **Gigante no açúcar e no álcool**, a companhia ocupa a vice-liderança nas vendas de açúcar no varejo, com a marca Da Barra. (G1)*

E ainda, em menor escala, COISAS FÍSICAS NATURAIS SÃO ANIMAIS (terremotos, furacões, ondas...)

- (43) *Espanha: onda **gigante** invade calçada*
Em La Coruña, na Espanha, uma onda gigante invadiu a calçada e a rua e arrastou carros. Na Austrália, uma onda de calor provocou um grande incêndio florestal no sul do país. (G1)

Contudo, acreditamos que este fenômeno não se esgota ainda em uma motivação metafórica, daí nossa investigação abrir espaço para os processamentos metonímicos presentes no processo de formação dessa rede lexical.

3.3.3.1 Motivação Metonímica para a Rede Lexical do *Frame* de 'Animal'

Nossa hipótese é de que poderíamos postular a atuação da metonímia em dois níveis do processamento da significação de nossa rede metafórica.

Primeiro, como base da metáfora, nos termos defendidos por Barcelona de que toda metáfora teria uma metonímia como base (cf. seção 2.2.4.2). Embora convencidos da relevância da argumentação de Barcelona, consideramos que a teoria da metáfora primária com suas bases experienciais (esquemas imagéticos) já oferece uma alternativa teórica para a questão posta por este autor. De fato, trata-se de reconhecer as bases experienciais da metáfora. No caso de nossa rede metafórica lexical, conforme analisamos nas seções anteriores, temos como bases primárias da estrutura conceptual o esquema imagético da força e a metáfora

primária CAUSA É FORÇA FÍSICA. Assim, a nosso ver, tais bases experienciais permitirão que, dentro de uma metáfora conceptual como PESSOAS SÃO ANIMAIS, possamos, em termos de projeção seletiva de traços, escolher as propriedades de DIMENSÃO/FORÇA FÍSICA como a PARTE mais relevante de um TODO que configura esta entidade e projetá-la no domínio-alvo humano.

O segundo caso de possível processamento metonímico seria sua atuação como estratégia de resolução da polissemia da rede em nível do contexto específico de cada ocorrência, conforme explicitamos neste capítulo a definição da propriedade a que se atribui um grau (a associação de 'fera' a competência ou a agressividade) envolve uma tarefa a mais - o efeito polissêmico obtido só é resolvido no contexto pragmático, discursivo, como podemos verificar nos exemplos abaixo:

- (44) *Para quem curte música eletrônica, a rave Circuito traz no dia 31 o DJ Rush **fera** americana do tecno.* (Veja)
- (45) *"Se vier com uma abordagem do tipo: 'E aí, gostosona', é melhor correr porque eu fico uma **fera!**"* (Playboy)

Nesse caso, um processamento metonímico na manipulação discursivo-pragmática implicará na inferência de um significado (PARTE pelo TODO) plausível dentro do contexto específico.

A próxima seção dedica-se a abordar a questão da mudança categorial, dos processos morfossintáticos envolvidos, bem como do processo de expansão categorial em curso.

3.4 A Dimensão Formal – o Estágio do Processo de Recategorização

Como estamos tomando como objeto itens lexicais que são considerados, dentro das discussões lexicográficas sincrônicas como primariamente substantivos, nosso propósito nesta seção é verificar: (i) em que medida a transformação semântica descrita nas seções anteriores se faz acompanhar de um processo de recategorização sintática, e (ii) em que estágio tal processo se encontra.

O que nossas análises evidenciaram até este ponto pode ser anunciado em duas generalizações sobre as mudanças operadas no processo de configuração de nossa rede lexical:

1. Expansão lexical: o SN1 deixa de ser restrito a lexemas concretos:
 1. **A fera fugiu do zoológico** (SN1 - sentido básico, mais concreto)
 2. *Festival reúne **feras do jazz** em SP.* (G1) (SN2 – expansão metafórica mais abstrata)

2. Expansão semântico-pragmática: Padrão polissêmico, com mais de um significado, além do significado básico: (a) expansão para sentido mais abstrato, **mantendo valor referencial** (*fera do volante, o gigante da internet*) ou (b) **perda do valor referencial** passando a expressar qualidade (*guitarrista fera, comício monstro*).
 - i. Expressão da escala semântica de uma PROPRIEDADE VARIÁVEL (COMPETÊNCIA, DIMENSÃO, POTÊNCIA, INTENSIDADE...) em GRAU superlativo, com VALOR máximo.
 - ii. Avaliação positiva ou negativa, com forma de auto-expressão, isto é, expressão de atitudes e crenças do falante.

A expectativa de resultado analítico para a presente seção, decorrente das generalizações anteriores, pode ser assim anunciada:

3. Expansão morfossintática para um **padrão sintático duplo**: o SN2 (com sentido metafórico) mantém função de substantivo (z) ou é sintaticamente reanalisado como um adjetivo, com estatuto de adnominal ou predicativo (exemplos x e y):

- x. Um Chargista muito **fera!** (adjetivo)
- y. *O guitarrista é **fera*** (adjetivo).
- z. J.M. Coetzee, um **gigante** na Flip. (substantivo)

É o que passamos a considerar na descrição formal dessas construções lexicais, buscando comprovar o estágio em que se encontra este processo de reanálise categorial.

Antes de passarmos à análise da configuração morfossintática dos itens lexicais em foco, cabe uma ligeira consideração sobre a fluidez de fronteira entre as categorias de substantivo e adjetivo, já amplamente discutida na literatura sobre categorias gramaticais.

A fluidez de fronteira pode se realizar por um processo mórfico ou por um processo semântico-pragmático de expansão categorial, no entanto, ambos visam criar uma flexibilidade, permitindo uma maior mobilidade. No segundo caso, esta flexibilidade é motivada por necessidades comunicativas, assim, como argumenta Perini (1997, p. 45) no momento em que uma palavra começa a ser usada como um novo significado, ela precisa mudar seu comportamento gramatical de acordo com a nova função.

Dentre as propostas de análise para este fenômeno, Neves (2000, p. 175) considera a mudança categorial dos substantivos, afirmando que um substantivo (substantivos nomeiam entidades cognitivas e/ou culturais que possuem certas propriedades categorizadas no mundo extralingüístico) pode deixar de ser referencial e funcionar como se fosse um adjetivo (adjetivos atribuem uma propriedade singular a uma categoria, qualificando-a). Nesse caso, poderá atribuir o

conjunto de propriedades que indica, como se fosse uma única propriedade, a um outro substantivo, isto é, atuar como qualificador ou classificador. Isso pode ocorrer tanto em função predicativa quanto em função adnominal. A tabela a seguir exhibe o comportamento morfossintático dos itens lexicais em foco.

Item lexical	Frequência total	Frequência de acordo com a classe gramatical						Freq. Adj.
		Substantivo	%	Adjetivo				
				Adnominal	%	Predicativo	%	
Animal	74	17	23	35	47,3	22	29,7	57
Bicho	324	208	64,2	21	6,5	95	29,3	116
Monstro	293	184	62,8	61	20,8	48	16,4	109
Fera	288	198	68,7	8	2,8	82	28,5	90
Gigante	2.136	1535	71,9	550	25,7	51	2,4	601
Total	3.115	2.142		675		298		973

Tabela 4: Relação entre item lexical, frequência e expansão categorial

A tabela acima apresenta algumas peculiaridades a respeito dos itens lexicais pesquisados e uma possível fluidez de fronteira:

(i) Dentre os itens analisados, GIGANTE é o mais freqüente no corpus, tanto no volume de ocorrências metafóricas (Frequência total) quanto em relação aos outros itens pesquisados. Este item, sozinho, representa 68,6 % das ocorrências coletadas no corpus. Mas, no que tange ao fenômeno da expansão categorial, parece que tal item se mantém, com maior frequência, na posição de substantivo, pois 71,9 % dos itens encontrados apresentam este comportamento, como podemos verificar nos exemplos 46 e 47. Gigante assume o comportamento morfossintático de adjetivo em 28,1 % dos casos, como podemos verificar no exemplo 48.

- (46) *Tem sido uma digestão difícil para o gigante espanhol BBV engolir o natimorto Excel Econômico. Só no ano passado o prejuízo foi de 1 bilhão de reais. (Veja)*

- (47) *China: o choro do gigante*
O futebol chinês está em ruínas. As chances da China se classificar para a fase final das eliminatórias asiáticas foram pulverizadas após a derrota em casa para o Iraque, 2 a 1. O país mais populoso do mundo dá adeus a possibilidade de estar na Copa de 2010. (blog)
- (48) *Mulheres adultas podem até gostar de Hello Kitty e cores do pré-primário (tutti-futti, amarelo-bebê, azul-calcinha), mas não precisam expor isso com orgulho gigante. Solução: Modere a criançice. (Elle)*

(ii) O item ANIMAL revelou-se como o menos freqüente em todo o corpus, representando 2,4 % do total de ocorrências. No entanto, é o item que revela um estágio mais avançado no processo de recategorização como Adjetivo, isto é, 77 % das ocorrências registradas têm valor adjetivo, como nos exemplos 49 e 50. E apenas 23% como substantivos (exemplo 52). Assim, num contexto metafórico e, de acordo com o nosso corpus, a probabilidade de tal item ocorrer em posição adjetiva é muito significativa, e para ser mais precisa, corresponde ao triplo em relação ao substantivo.

- (49) *Depois dessa noite maravilhosa continuamos nos encontrando para noites cada vez mais incríveis de sexo **animal**. Ele sabe pegar de jeito sem deixar de ser carinhoso, entende? Aquela coisa do endurecer sem perder a ternura. (Vip)*
- (50) *Sonic 3 para mega drive é o melhor game até o momento. Desta vez a Segase superou. O jogo tem tudo o que se pode esperar do padrão Sonic de qualidade. Os cenários são bem bolados, a música é de primeira, a velocidade é "**animal**" e o jogo tem fases "cabeludas". (Cetenfolha - Folhinha)*
- (51) *No século XIX, a universidade foi descrita como o "**reino animal do espírito**" pelo filósofo alemão Hegel. Aquele lugar onde as pessoas disputam a notoriedade entre si e querem acabar umas com a outras. (Exame)*
- (52) ***Animal** está pronto para voltar a rugir*
*O Animal vem treinando com bola, com ótimo aproveitamento nos trabalhos de finalização, e está pronto para voltar a **rugir** dentro de campo. (G1)*

(iii) Os itens BICHO E MONSTRO apresentaram maior incidência na categoria Substantivo, obtendo, curiosamente, uma distribuição equilibrada (64,2 % e 62,8 %) respectivamente (exemplos 53, 54 e 55). Na categoria do Adjetivo são 35,8 % e 37,2 %, respectivamente, como podemos verificar no exemplo 56.

- (53) *Quando o Mundo Verde começou, em 1987, loja de produtos naturais era, quase sempre, um mercadinho empoeirado, freqüentado por um público muito restrito. Jorge Antunes, sua irmã Isabel e o cunhado Elísio Joffe queriam um lugar com bossa e produtos variados. Um negócio capaz de atrair do **bicho-grilo** à perua. Miraram no alvo certo. Antecipando a onda que transformaria em moda os produtos naturais e as terapias alternativas, viraram franquia em 1993. Quando a onda zen inundou o mercado, eles tiveram seu boom.* (Veja)
- (54) *Janeiro é um mês cheio de contas a pagar. (...) “Vem IPVA, vem IPTU, aí o **bicho pega**”.* (G1)
- (55) *“Mas se sabe: Bento XVI não é como João Paulo II - um **monstro** de vitalidade que atraía as massas e criava um clima de fervor impactante.”* (Veja)
- (56) *Descobri que sair pra beber com sua roommate e um amigo (local) pode facilitar muito as relações e amizades, além de ajudar incrivelmente na desenvoltura de uma pessoa em período de aprendizagem de um novo idioma. Mas também pode te deixar com uma **dor-de-cabeça-monstra-e-sede-do-inferno** no dia seguinte...* (blog)

(iv) Em FERA registramos a segunda menor incidência no funcionamento como Adjetivo, 31,3 % (exemplo 58); um valor reduzido dada a sua representação como Substantivo: 68,7% (exemplo 57), ou seja, mais da metade das ocorrências encontradas no *corpus*.

- (57) *Dilma Rousseff mostrou os dentes: no dia seguinte a um discurso otimista de Pedro Parente sobre o futuro do país, a **fera** petista ministrou à platéia internacional doses elevadas de pessimismo.* (Veja)
- (58) *Nas piscinas, ele é **fera**. No mar, o nadador Gustavo Borges, 26 anos, levou caldo. Durante uma competição no Rio, o campeão foi atropelado por uma onda gigante.* (Veja)

Em síntese, o comportamento morfossintático dos dados revelou a predominância da categoria Substantivo, favorecendo, assim, a hipótese da resistência à mudança e a manutenção do estatuto categorial destes itens. A única exceção é o item ANIMAL, cuja predominância recai na categoria Adjetivo (77 %). Apesar da baixa freqüência deste item, ainda assim exhibe, de forma bem mais ostensiva, um movimento maior de migração categorial do que o somatório de outros itens na representação do Substantivo (67,7%). De qualquer forma, temos, em todos os itens lexicais, **um processo de recategorização em curso**.

Outra questão observada em nosso corpus e que reitera a resistência à recategorização destes substantivos é a baixa incidência de intensificadores e a resistência à concordância. No primeiro caso, encontramos pouquíssimos exemplos (12 ocorrências em todo o corpus), em que o item lexical exhibe um comportamento de adjetivo pleno, admitindo intensificação:

- (59) *Seu coração é gigante, **tão gigante** que você, por medo, prefere a superfície.* (Vip)
- (60) **BELO É MUITO FERA!**
Esta comunidade é dedicada ao melhor cantor da música popular brasileira Belo!!!!!!!!!! Quem acha que o cara tem uma voz incrível e manda muito bem cantando, é só chegar. (Orkut)

Quanto ao segundo caso, encontramos no *corpus*, 49 ocorrências com o item 'Monstro' cujo comportamento ilustra tal situação. Assim, tal item posicionado à direita de outro substantivo, resiste à flexão de gênero, evitando a concordância:

- (61) **Espreguiçada monstro.** *Espante a preguiça alongando cada músculo do seu corpo. Espreguice-se devagarzinho, prestando atenção em como os braços.* (Capricho)
- (62) *Depois das reclamações sobre o preço dos pedágios nas estradas privatizadas, que renderam até uma **greve-monstro** de caminhoneiros no ano passado, o governo vai impor uma tarifa máxima de 3 reais por eixo a cada 100 km.* (Veja)

Embora tais itens, em sua grande maioria, resistam à flexão de gênero, encontramos um reduzido número de ocorrências em que o item *monstro* admite flexão, ou seja, além de funcionar como modificador do nome, admite a concordância com o mesmo. Das 12 ocorrências encontradas, 9 estão restritas ao gênero blog.

- (63) *A tradução-**monstra** já está quase no fim. Faltam 18 páginas das 77 originais que viraram 79 no findie. Virei escrava do computador a semana inteira, mas esse frila vai pagar a viagem pra Sampa, então... Não reclamarás de barriga cheia...* (blog)
- (64) *Madame Ç foi abatida por uma gripe **monstra**. Ela vinha se gabando há meses, debochando dos combalidos, dizendo que não tinha nada de gripe "pra mais de dois anos", vejam só...* (blog)

Após as considerações a respeito do processo de recategorização que incide sobre os itens lexicais em foco, passamos, na próxima seção, a um levantamento dos padrões lexicais mais recorrentes e item, verificando sua produtividade semântica.

3.4.1. A relação *type/token* dentro da configuração do padrão construcional

A relação *type/token* responde pela variedade de palavras usadas em um texto. O *type* refere-se à frequência de tipos que um item pode apresentar, já o *token* refere-se à frequência de uso deste mesmo item. Quanto mais alta a frequência de *types* em uma construção, maior é a sua produtividade e mais entrincheirada ela se apresenta naquela cultura, ou na comunidade que a produz. (Croft & Cruse 2004, p. 308-309)

Apresentamos a seguir uma relação dos *types* formais ‘rastreados’ em nossa pesquisa. Nesse caso, cabe esclarecer que **estamos entendendo os *types* como os distintos padrões das construções lexicais em estudo.**

Em relação ao item lexical BICHO, os dados apresentados na tabela 5 apontam, em primeiro lugar, para uma baixa frequência de types. Trata-se, de fato, em sua maioria, de expressões idiomáticas, isto é, de padrões construcionais metafóricos, lexicalmente preenchidos e fortemente cristalizados em nossa língua e cultura, com a presença, inclusive, de um provérbio: **Se correr o bicho pega se ficar o bicho come**. Destacamos ainda a frequência de tokens correspondentes aos types, sendo Bicho-de-sete-cabeças e Bicho papão as de maior presença no *corpus*.

BICHO									
Types	Token	Freq.	Referência		Corpora				
			Humano	Entidade	Abril	Cetenfolha	G1	Orkut	Blog
Det+Bicho	58	18%	16	42	44	5	-	1	8
Bicho de sete cabeças	53	16,3 %	1	52	43	8	2	—	—
Bicho papão	53	16,3 %	18	35	48	1	2	—	2
Bicho + pegar	44	13,6%	—	44	31	—	9	3	1
Bicho+ Adjetivo	32	9,9%	20	12	25	2	—	3	2
Bicho grilo	30	9,2%	28	2	30	—	—	—	—
Virar bicho	22	6,8%	20	2	16	3	—	3	—
É o bicho	18	5,5%	2	16	6	—	1	8	3
Se correr o bicho pega se ficar o bicho come	8	2,4%	—	8	6	—	—	—	2
Bicho do mato	6	1,8 %	5	1	4	1	—	1	—
Total de tokens	324	100%	110	214	253	20	14	19	18
Percentual por referência e corpus			34%	66%	78%	6,2%	4,3%	5,9%	5,6%

Tabela 5: Descrição e distribuição dos types do item Bicho

Em termos de produtividade, o padrão mais aberto é 'bicho + adjetivo':

- (65) *Sem regras claras e permanentes o capital estrangeiro, um **bicho muito arisco**, irá procurar refúgio em outros locais. Outra regra de ouro é arrumar a casa, agilizando as privatizações.* (Exame)
- (66) *Petista cansa. Petista é um **bicho chato**. E é chato, acima de tudo porque é absolutamente previsível e repetitivo.* (Veja)
- (67) *Homem também é um **bicho vaidoso** e adora saber que a namorada presta atenção nele. Então, ele vai amar se você reparar na camisa nova, no cabelo recém-cortado...* (Nova)
- (68) *"É preciso ser um pai do tipo pai animal, às vezes virar **bicho bravo**, mas ter uma paciência de elefante. Quando dá zebra, virar um leão e logo deixar a mamãe o transformar em gatinho.* (Contigo)

O que os resultados sinalizam, portanto, é uma construção lexical pouco propensa à inserção de novos padrões, o que significa pouco produtiva. Em termos culturais, pode-se dizer talvez que “*o tempo dos bichos já era*”. É sabido que construções linguísticas podem sair de moda, podem envelhecer juntamente com os agentes de práticas socioculturais e interacionais que as legitimam. A incidência maciça de dados no *corpus* da Abril.com e a baixa freqüência em blogs e no Orkut, de certa forma, constituem-se como evidências desse processo de envelhecimento do uso. Nesse caso, a expressão tem enfraquecido seu estatuto maior de expressão da subjetividade.

Destaque-se ainda a referência maior de ‘bicho’ a *entidades* diversas – máquinas (carro, moto, computador, avião)

- (67) *Com suas roupas de couro, os capacetes e o poder que representa estar sentado nesse **bicho barulhento, ágil, veloz e ameaçador** que é uma moto, eles se constituem em personagens de boa cotação, na estética da periferia. (Veja)*

E a humanos (competência, agressividade, intensidade):

- (68) *Luís Fabiano é o **bicho** no ataque! (G1)*
- (69) *Que tal um garoto G ao cubo? É, isso mesmo! De Gato, de primeira. Afinal, ninguém merece um **bicho-papão** ao seu lado, toda hora, todo minuto, te acompanhando em TODOS os lugares que você for. (Capricho)*

Em qualquer dos types a expressão metafórica de bicho é um operador semântico escalar, imprimindo um valor superlativo a uma propriedade variável de um ser humano ou de uma entidade.

O segundo item a ser analisado é FERA, que exhibe os resultados na tabela a seguir.

FERA									
Types	Token	Freq.	Referência		Corpora				
			Humano	Entidade	Abril	Cetenfolha	G1	Orkut	Blog
Det. + Fera	111	38,5%	102	9	83	9	16	-	3
Fera + Prep.+ Nome	96	33,4%	93	3	56	6	17	6	11
“É fera”	22	7,6%	21	1	18	—	3	—	1
Fera + adjetivo	21	7,3%	14	7	14	1	5	—	1
Vocativo	13	4,5%	13	—	—	—	—	13	—
“Virar fera”	10	3,5%	9	1	5	1	1	3	—
“Ficar fera”	10	3,5%	10	—	8	1	1	—	—
Fera + Nome	5	1,7%	5	—	1	2	1	—	1
Total de types	288	100%	267	21	185	20	44	22	17
Percentual por referência			92,7%	7,3%					
Percentual de tokens por <i>corpus</i>					64,2%	6,9%	15,3%	7,6%	5,9%

Tabela 6: Descrição e distribuição dos types do item fera

Em Fera encontramos 8 types, sendo o type mais freqüente, o que corresponde ao próprio item lexical, precedido ou não de determinante. O segundo type mais freqüente, que responde por 96 tokens (Fera + Prep. + Nome).

- (70) *Érico é **fera em geografia** e ficou impressionado com a burrice dos colegas.* (Cetenfolha - Folhateen)
- (71) *Márcio Montarroyos, morto aos 59 anos Considerado um dos maiores trompetistas do país, ele já tocou com Tom Jobim e Stevie Wonder, entre muitas outras **feras da música contemporânea**.* (G1)

Tal freqüência atesta que, em tais construções, a inferência semântico-pragmática de Competência está fortemente convencionalizada. Nesse caso, o type se estrutura da seguinte maneira: o item fera seleciona uma preposição mais um nome, sendo que este nome refere-se à área em que a habilidade ou competência de uma pessoa ganha destaque, daí a referência majoritária no grupo do Humano. Evocando a mesma escala de Competência, temos outros types como ‘fera + nome’ (72), ‘é fera’ (73), e o uso do vocativo (74) que também comparecem nesta escala. Mas Fera também é representativo da escala de agressividade, o que pode ser

atestado pelos types ‘virar (uma) fera’ e ‘ficar (uma) fera’.

(72) *A estrela Linda Evangelista, fotografada pelo fera Patrick Demarchelier.* (Cetenfolha - Ilustrada)

(73) *Sou fera!*
Essa comunidade é pra quem é fera! seja em qualquer coisa
-na bravura
-bom de bola
-inteligente
Resumindo e issu ae entrem tenho certeza q vaum gostar !... (Orkut)

(74) *Mal Aê Fera, Qria Humilha Não!*
Comu para os feras que daum show...
Humilha qualquer jogador... Acaba com qualquer zaga... (Orkut)

São, de fato, padrões mais abertos e menos cristalizados o que mostra a abertura da construção para muitos types diferentes com a função clara de operadores de escala, com valor superlativo.

A tabela a seguir exhibe os resultados da investigação do item Animal.

ANIMAL									
Types metafóricos	Token	Freq.	Referência		Corpora				
			Humano	Entidade	Abril	Cetenfolha	G1	Orkut	Blog
Nome + animal	35	47,3%	11	24	9	3	—	17	6
“é animal”	22	29,7%	7	15	5	6	—	6	5
Animal (Edimundo)	8	10,8%	8	—	3	1	3	1	—
Animal + adjetivo	7	9,4%	7	—	4	3	—	—	—
Vocativo	2	2,7%	2	—	—	—	—	2	—
Total de types	74	100%	35	39	21	13	3	26	11
Percentual de tokens	74	100%	47,3%	52,7%	28,3%	17,5%	4%	35,1%	14,8%

Tabela 7: Descrição e distribuição dos types do item Animal.

Em relação a este item, os types mais produtivos foram (Nome + animal), posição em que o item comporta-se como um adjetivo, i.e, à direita de outro substantivo, atuando assim como modificador de nome; e ‘é animal’, em que o item também funciona como um adjetivo, embora atue como predicativo do sujeito, devido a presença do verbo de ligação. Os dois types juntos, respondem por 77% das ocorrências registradas, evidenciando que tal item se comporta preferencialmente como adjetivo. Trata-se de padrões construcionais semi-abertos,

i.e, construções bastante propensas à inserção de novos padrões.

- (75) *A minha aula foi legal, E meu dia foi **animal!!!!** Beijos nos corações de todos vocês! (blog)*
- (76) *O mais legal foi fazer isso com a banda. Você tem de encontrar um modo de fazer isso. Se você vai a um lugar **animal**, como Brasil ou Austrália, não dá para só fazer shows. Você tem de aumentar o seu tempo: é só acordar mais cedo ou dormir mais tarde. (Capricho)*

Em relação ao item Monstro, registramos 6 types que respondem por 55,7 % das ocorrências encontradas, como podemos atestar na tabela 8.

MONSTRO									
Types metafóricos	Token	Freq.	Referência		Corpora				
			Humano	Entidade	Abril	Cetenfolha	G1	Orkut	Blog
Det. + Monstro	129	44 %	52	77	72	31	10	16	-
Nome + monstro	67	22,9%	2	65	43	7	5	4	8
Monstro + Adjetivo	30	10,2%	2	28	23	4	2	1	-
“é um monstro”	30	10,2%	8	22	20	6	2	2	-
Monstro sagrado	14	4,8%	13	1	10	-	3	1	-
Monstro+Prep.+Nome	12	4,1%	3	9	9	-	2	1	-
um monstro de + nome	11	3,7%	7	4	7	3	-	-	1
Total de tokens	293	100%	87	206	184	51	24	25	9
Percentual por referência			29,7%	70,3%					
Percentual de tokens por <i>corpus</i> :					62,8 %	17,4 %	8,2 %	8,5 %	3,1%

Tabela 8: descrição e distribuição dos types correspondente ao item Monstro.

Com maior incidência verificamos o padrão Det. + monstro, no qual o item monstro funciona como substantivo, como no exemplo abaixo:

- (77) *“50 contra-ataques ao ciúme”
Mulheres apaixonadas que venceram o **monstro** dão uma lição de confiança. E mais, o psiquiatra Paulo Gaudêncio ensina a aliviar, domar e até usar a seu favor esse sentimento que pode atormentar qualquer uma de nós. (Nova)*

O segundo padrão mais produtivo corresponde à construção Nome + monstro, em que o item em destaque funciona como adjetivo. Este padrão, também bastante freqüente no item Animal, leva-nos a afirmar que os dois revelam-se como os mais produtivos de acordo como o fenômeno de expansão categorial, em que ambos assumem a posição e o comportamento de adjetivo, atuando como modificador de Nome.

- (78) *Japoneses perseguem sonho do álcool com 'cana monstro' Ela possui três metros de altura e é produtiva mesmo em solo pobre, aguenta secas e furacões, e rende duas vezes mais que a maioria das variedades de cana-de-açúcar. Não é de se espantar que seu apelido seja "cana mostro". Essa nova variedade, que recebeu o nome tanto por seu tamanho como por seu vigor, está sendo cultivada em uma área de testes na pequena ilha de Ie, em Okinawa. Quando um forte furacão arrasou a região no mês passado, derrubando árvores e casas, a cana não sofreu danos. (G1)*

O terceiro maior índice de ocorrência é o padrão Monstro + adjetivo (N + Adj), presente na descrição de todos os itens pesquisados, revelando-se como o padrão mais recorrente e quiçá o mais produtivo em toda a rede. De acordo com Neves (2000, p.176) tal fenômeno constitui uma evidência da manutenção das propriedades de substantivo, a partir da ocorrência de um **adjetivo** junto do **substantivo** da direita.

- (79) *A BOA NOTICIA É QUE vários países conseguiram domar o **monstro burocrático** e modernizar a economia. (Exame)*

Passamos agora, à descrição do item Gigante e seu respectivo grupo de types. Reiteramos a observação de que Gigante constitui-se como o mais freqüente dentre os itens pesquisados. A referência ao domínio de empresas comparece como o uso mais produtivo não apenas no PB como em outras línguas, como o italiano, por exemplo. No entanto, as considerações a seguir estão restritas à análise do uso deste item em nosso corpus.

GIGANTE									
Types metafóricos	Token	Freq.	Referência		Corpora				
			Humano	Entidade	Abril	Cetenfolha	G1	Orkut	Blog
Nome + gigante	599	27,2%	58	541	307	21	80	114	77
Gigante + Prep.+ Nome	660	30 %	33	627	517	35	49	30	29
Gigante + adjetivo	540	24,6 %	15	525	459	19	43	11	8
Gigante+Nome (empresa)	175	8 %	-	175	170	4	-	-	1
Gigante + verbos de ação	141	6,4 %	-	141	140	-	-	-	1
Det. + gigante	82	3,7 %	34	48	15	25	1	26	15
Total	2.197	100 %	140	2.057	1.608	104	173	181	131
Percentual de tokens por referência			6,4%	93,6%					
Percentual de ocorrências por corpus: 100%					73,2%	4,7 %	7,9%	8,2 %	6 %

Tabela 9: descrição e distribuição dos types correspondentes ao item Gigante

A tabela acima mostra algumas características do item Gigante. O resultado revela uma frequência significativa e types (seis ao todo) com padrões construcionais metafóricos, lexicalmente abertos, evidenciando assim uma construção lexical bastante produtiva. De acordo com a frequência por tokens, dois padrões se revelaram como os mais produtivos: Nome + gigante, no qual o item assume o comportamento de adjetivo, atuando à direita do Nome, qualificando-o; e ainda o segundo padrão: Gigante + Prep.+ Nome, em que o item assume o comportamento de substantivo. O primeiro padrão apresentou uma distribuição muito ampla, com uma referência bastante genérica (máquinas, espaço, eventos, animais, objetos físicos e até emoções), o traço semântico mais característico o de **dimensão física** projetado nos referentes.

- (80) **O computador gigante** da Dell no Second Life é uma das atrações das gigantescas instalações da empresa no ambiente virtual. (Info)
- (81) Bianca Rinaldi na Disney World
"Para fazer compras, minha dica é o Sawgrass Mills, um outlet em Fort Lauderdale. É um **shopping gigante**." (Contigo)
- (82) Para militante Parada Gay foi politizada apesar de gigante. Uma **Parada gigante**, mas politizada. Ano a ano o fenômeno se repete. (blog)

Embora o traço semântico mais recorrente seja o de dimensão física, grandeza, encontramos ainda, em menor incidência, a marcação de **intensidade** projetada, principalmente no domínio das emoções, como nos exemplos abaixo:

- (83) ... fiz a prova e passei. Quando entrei na sala, no primeiro dia de aula, sentia uma alegria imensa. Eu tenho uma **vontade gigante** de aprender. Muitos de meus amigos não acreditavam que eu conseguiria tocar a faculdade e o trabalho. (Bons Fluidos)
- (84) A ansiedade é assim: deixa a gente maluca. Para a maioria das mulheres, ainda provoca **uma fome gigante**. Foi o que mostrou nossa enquete online. (Boa Forma)

- (85) *Eu e minhas irmãs precisávamos do rim da minha mãe. Os dias que antecederam a cirurgia, para mim, foram de uma **ansiedade gigante**. Mas graças ao apoio incondicional das minhas queridas Eva e Anna Maria, na véspera da internação no Hospital do Rim, em São Paulo.* (Nova)

O segundo padrão Gigante + Prep. + Nome apresentou uma distribuição mais restrita, ora indicando, em menor incidência, a referência a humano, acionando a escala de competência, ora em relação a entidades, em especial, do domínio de empresas, evocando assim a metáfora primária: IMPORTANTE É GRANDE.

- (86) *J.M. Coetzee, **um gigante na Flip***
O sul-africano J.M. Coetzee, autor da obra-prima "Desonra", duas vezes ganhador do Booker e prêmio Nobel de literatura de 2003, disse sim aos organizadores da Festa Literária Internacional de Parati (Flip). Será o grande nome do evento. (G1)
- (87) *Robert Scheidt*
Um gigante da vela. *Scheidt é paulista e está na lista dos esportistas que "desigualaram" os campeonatos mundiais (como Schumacher, Kelly Slater ou Michael Jordan): Ele é octacampeão mundial de laser e dono de dois ouros olímpicos. O último deles foi em Atenas, 2004.* (Vip)
- (88) **A gigante de telefonia** *americana Motorola é famosa por lançar de tempos em tempos aparelhos revolucionários que chacoalham o mercado.* (Exame)
- (89) *A Shell vai investir em etanol de cana-de-açúcar.*
A gigante do setor de petróleo *acredita que os biocombustíveis podem ser "muito atrativos" e nega que o etanol está gerando um lobby do setor de combustíveis contra países como o Brasil.* (blog)

Outros types também se mostraram muito recorrentes no domínio de empresa (Gigante + adjetivo; Gigante + Nome (empresa); Gigante + verbos de ação) o que, a nosso ver, constitui uma evidência de que este padrão construcional metafórico expande-se, preferencialmente, para o **domínio empresarial**, registrado inclusive pelos dicionários (*gigante da indústria automobilística, gigante das finanças*). Um destes types chamou-nos atenção: encontramos 140 ocorrências de gigante acompanhado de algum verbo de **ação destruidora** – *arrebentar, engolir,*

pegar, sacudir, varrer, matar, dominar, destruir, brigar, forçar, controlar... Todas estas construções envolvem o exercício de algum tipo de força física, evocando um frame de competição, de rivalidade, como o modelo de dinâmica das forças (cf. seção 3.4). Nestes casos, poderíamos perfeitamente aplicar o modelo proposto, em que a força, como causa, se projeta figurativamente tornando-se alvo da disputa entre o Agonista e o Antagonista, ambos representados por algum tipo de empresa. Os verbos, neste caso, evocam *frames* de luta, de competição, de rivalidade, compondo um cenário de disputa pela força e agressividade. O esquema metafórico mais recorrente é o do **Agonista impõe algum tipo de força sobre o Antagonista**, gerando (ou não) movimento, como nos exemplos a seguir:

- (90) *O mundo da tecnologia foi **sacudido**, em abril, com o anúncio da compra da Macromedia pela Adobe por 3,4 bilhões de dólares Depois de comprar a Macromedia, a Adobe tem agora de **enfrentar a ira da gigante do software**. (Info)*
- (91) *O carro-chefe da ofensiva é a Telefónica de España, a gigante das telecomunicações que **abocanhou** a Telesp por quase 6 bilhões de reais em 1998. (Veja)*
- (92) *Sony exhibe novo Walkman para **brigar** com iPod O aparelho inclui capacidade de exibir vídeos e é uma resposta da gigante japonesa ao domínio do iPod, da Apple. (Exame)*

Assim em todos estes exemplos, a agentividade recai sobre o Agonista (Telefônica, Sony e Adobe) que impõe sua força de ataque *abocanhando, brigando, sacudindo e enfrentando* o Antagonista (Telesp, Apple, gigante do software), ora esta imposição de forças gera movimento no próprio Agonista (a gigante das telecomunicações que abocanhou a Telesp), ora no Agonista fazendo-o sentir o impacto do seu poder de destruição. Mas de um modo geral, o que estes exemplos evidenciam é a utilização de um frame animal com o intuito de simular o comportamento e atitudes no mundo empresarial, um mundo de disputas onde prevalece a lei da selva e quem tiver a *boca maior engole o outro*.

3.5 Considerações finais

As análises desenvolvidas no presente capítulo trazem, a nosso ver, um conjunto de significantes evidências capazes de sustentar as hipóteses defendidas de que os itens lexicais que integram o nóculo de rede metafórica do frame 'animal' presentemente considerado passam, mediante expansão semântica e/ou categorial, a atuar como OPERADORES SEMÂNTICOS DE ESCALA, cumprindo o seguinte conjunto de funções semântico-pragmáticas:

1. Expressam GRAU/VALOR **superlativo**;
2. Expressam domínios de **propriedades** VARIÁVEIS, como competência, potência, dimensão, dentre outras;
3. Aplicam-se a ITENS variáveis: humanos, entidades;
4. Implicam inferências avaliativas – positivas ou negativas;
5. Configuram-se como estratégia discursiva de auto-expressão, revelando atitudes e crenças do falante.

No que respeita à reanálise formal, os operadores em questão permanecem na categoria morfossintática dos substantivos, com uma recategorização parcial como adjetivo.

Nossas análises buscaram desvelar ainda as bases conceptuais – esquemas imagéticos (em especial, o esquema de força) e projeções figurativas (metáforas primárias e conceptuais) motivadoras da rede lexical metáfora. A determinação do uso para a emergência ou significação de tal rede também é demarcada em nossa análise na medida em que evidenciamos que (1) os itens lexicais em foco passam a atuar como estratégias de subjetificação e que (2) a polissemia - em relação a propriedades e a itens a que as propriedades se aplicam - só se resolve no contexto efetivo de enunciação

4. CONCLUSÃO

O presente estudo teve como meta desvelar a mudança semântico-pragmática e formal que, operando dentro de um nóculo da rede lexical do frame de 'animal', vem promovendo, mediante projeção figurativa, sua reanálise como operadora de semântica escalar. Para atingirmos tal meta analítica, buscamos compreender (1) a **motivação conceptual e de uso** de tal rede e (b) as **multidimensões** (semântico-pragmática e morfossintática) que a configuram. Os resultados desta agenda investigativa é o que passamos a aferir nesta conclusão final.

Em relação à natureza das motivações da rede lexical metafórica de 'animal', nossas análises, sustentadas pela visão experientialista (experiência física, social, cultural) do pensamento e da linguagem (Lakoff 1987; Lakoff & Johnson 1999; Lakoff & Turner 1989; Fauconnier 2002; Talmy 1988, 2000; Kövecses 2005), buscaram descrever suas bases **conceptuais** – esquemas imagéticos e projeções figurativas (metáforas primárias e conceptuais). Nesse sentido, apresentamos a relevância do esquema imagético de força (Modelo da Dinâmica das Forças) na configuração de um cenário agonístico entre antagonista e agonista, perspectivizado pelas construções lexicais em foco. De igual modo apresentamos a METÁFORA CONCEPTUAL DA GRANDE CADEIA que nos permite compreender de que forma os itens lexicais do *frame* conceptual de 'animal' passam a referenciar seres de outra ordem, como **humanos (PESSOAS SÃO ANIMAIS) e entidades (OBJETOS COMPLEXOS SÃO ANIMAIS)**.

A determinação do **uso** na emergência ou significação de tal rede também é demarcada em nossa análise, na medida em que evidenciamos que (1) os itens lexicais em foco passam a atuar como estratégias de subjetificação e que (2) a

polissemia - em relação a propriedades e a itens a que as propriedades se aplicam - só se resolve no contexto efetivo de enunciação, mediante um estratégia metonímica de inferência.

No que se refere às multidimensões dessa rede lexical, nossas análises acumulam um conjunto de significantes evidências capazes de sustentar as hipóteses defendidas de que os itens lexicais ('animal', 'fera', 'bicho', 'monstro', 'gigante') que integram o nóculo de rede metafórica do *frame* 'animal' passam, mediante expansão semântica e/ou categorial, a atuar como OPERADORES SEMÂNTICOS DE ESCALA, cumprindo o seguinte conjunto de funções semântico-pragmáticas:

1. Expressam GRAU/VALOR **superlativo**:

*(Espanha: onda **gigante** invade calçada. (G1) / Onda **muito grande** invade calçada.)*

2. Expressam domínios de **propriedades VARIÁVEIS**, como competência, potência, dimensão, dentre outras:

*("Ela lê sua coluna toda semana e diz que o senhor é fera"/ diz que o senhor é **muito inteligente**. Treino Monstro./ Treino **muito pesado**)*

3. Aplicam-se a ITENS variáveis: **humanos e entidades**:

*A empresa é um monstro na China, mas subestimou o mercado e os consumidores brasileiros/A empresa é **muito poderosa** na China, mas subestimou o mercado e os consumidores brasileiros.(Veja)*

*J.M. Coetzee, um **gigante** na Flip (g1)/ J.M. Coetzee, **o grande escritor** na Flip*

4. Implicam **inferências avaliativas** – positivas ou negativas;

*"Ele é um **monstro**, um vampiro." /Ele é **muito mal/ violento**.
Luís Fabiano é **o bicho** no ataque/ Luís Fabiano é **ótimo** no ataque.*

- 5 Configuram-se como **estratégia discursiva de auto-expressão**, revelando atitudes e crenças do falante.

Teoria da honestidade relativa. Tenho uma teoria segundo a qual o homem honesto é uma ficção. No interior de cada gigante da honestidade há um anão desonesto à espreita, pronto para escapulir.
(Opinião)

Neste exemplo os itens gigante e anão deixam de referenciar situações que envolvam tamanho, dimensão física, relativos à descrição de uma situação externa, para expressar uma perspectiva, o ponto de vista do falante em relação ao conteúdo do que está sendo dito. Deste modo, gigante e anão deixam de atuar como pontos extremos em uma escala de grandeza, para dimensionar, graduar, regiões demarcadas por valores morais, numa escala máxima de honestidade, caráter (gigante da honestidade), mas também por valores negativos, numa escala mínima (anão desonesto).

Em termos do processo de convencionalização dos sentidos acima descritos, o que constatamos é que temos um processo de expansão semântico-pragmática em curso, no qual verificamos um padrão polissêmico (variáveis de ITEM e PROPRIEDADE do item, dentro do frame de 'posição na escala'), além do significado básico. Trata-se, pois, de um processo de lexicalização em curso, não cristalizado, uma vez que a consciência da origem semântica dos itens lexicais permanece.

Nosso estudo procura, por fim, evidenciar, mediante procedimentos de análise de frequência de type e token, os padrões morfossintáticos de cada item de nossa rede lexical, de modo a avaliar, com um conjunto significativo de evidências empíricas, o estágio do processo de recategorização e convencionalização de seu uso metafórico. Nesse sentido, o que temos, portanto, é uma **expansão morfossintática para um padrão sintático duplo: (1) o SN2 (com sentido metafórico) mantém função de substantivo:** o que ocorre em 68,7% das

ocorrências analisadas. E em **(2)** é **sintaticamente reanalisado como um adjetivo, com estatuto de adnominal ou predicativo**, como podemos verificar em 31,3% das ocorrências. De fato, os números desta passagem de uma classe mais aberta (Substantivos) para uma classe mais fechada (Adjetivos) mostram uma resistência à mudança morfossintática.

Em termos de definição epistemológica, o que nossas análises do léxico apontam, de modo reiterado, é que o desvelamento dos processos de significação da linguagem, em geral, e de cada língua, em específico, demanda uma abordagem integrada da experiência humana, o que implica falar de linguagem, cognição e cultura (Kövecses 2005). Nesse sentido, o aporte sociocognitivo evocado neste estudo (FAUCONNIER e TURNER 1997, 2002; TOMASELLO 1999, 2003; CROFT 2004; FILLMORE 2007; LAKOFF e JOHNSON 1980, 1999; BARCELONA 2003; SARDINHA 2004; ALUÍSIO 2006) revelou-se de grande eficácia analítica, ao nos instrumentalizar para um trato do fenômeno abordado a partir de sua dimensão conceptual, sem negligenciar, contudo, as determinações de uso, sustentadas pela dinâmica do discurso e pela cultura.

REFERÊNCIAS

- ABRIL.COM. Notícias *online*, atualidades e *sites* Abril. Disponível em <<http://www.abril.com.br/>>. Acesso em: agosto 2007. maio 2008.
- ALUÍSIO, S. M.; ALMEIDA, G. M. B. O que é e como se constrói um *corpus*? Lições aprendidas na compilação de vários corpora para a pesquisa lingüística. *Revista Calidoscópio*. Unisinos, v.4, n.3, 2006. P156-178
- AULETE, C. *Dicionário Aulete Digital*. Editora Lexikon, 2007.
- BARCELONA, A. The cognitive theory of metaphor and metonymy. In: _____. *Metaphor and Metonymy at the Crossroads: A Cognitive Perspective*. Berlin. New York: Mouton de Gruyter. 2003a. 1- 28.
- BARCELONA, A. On the plausibility of claiming a metonymic motivation for conceptual metaphor. In: _____. *Metaphor and Metonymy at the Crossroad*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2003b, 31-58.
- BORBA, F. S. *Dicionário de Usos do Português*. São Paulo: Editora Ática, 2002.
- CROFT, W.; CRUSE, D. A. *Cognitive Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- FAUCONNIER, Giles. & TURNER, Turner. *The way we think: conceptual blending ad the mind's hidden complexities*. New York: Basic Books, 2002.
- FELDMAN, J. *From Molecule to Metaphor: a neural theory of language*. Cambridge, Ma: Bradford MIT Press, 2006.
- FERREIRA, A. B. H. *Novo Dicionário Eletrônico Aurélio*. Editora Positivo, 2004.
- FILLMORE C.; JOHNSON C.; PETRUCK M. Background to Framenet. *International Journal of Lexicography*, v. 16, n. 3. Oxford University Press, 2003.
- FRAMENET Project. FILLMORE, C. J. et all. (coord.) Database disponível em <<http://www.icsi.berkeley.edu/~framenet> >. Acesso em: agosto 2007.
- G1 Portal de Notícias da Globo.com. Disponível em <<http://www.g1.globo.com>> Acesso em: agosto 2007. Maio 2008
- GEERAERTS, Dirk & Cuyckens, Hubert. *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. Oxford, 2007.
- HOUAISS, A. (Ed.). *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.
- KÖVECSES, Zoltan. *Metaphor in culture: Universality and Variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

La Universidad pública española envejece a pasos de gigante. **El País**, Madrid, 16 agosto 2008. Disponível em <<http://www.elpais.com>>. Acesso em: 16 agosto 2008.

LAKOFF, G. *Women, Fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

_____. The Contemporary Theory of Metaphor. In: ORTONY, A. (Ed.) *Metaphor and thought*. 2nd ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1993. p. 202-251.

LAKOFF, George & JOHNSON M. *Metaphors we live by*. Coordenação da tradução: Mara Sophia Zanotto. Campinas: Mercado de Letras, 1980 [2002].

_____. *Philosophy in the flesh. The embodied mind and its challenge to western thought*. New York: Basic Books, 1999.

LAKOFF, George & TURNER, Mark. *More than cool reason*. Chicago: Chicago University Press, 1989. p.57-139.

LARAIA, R. B. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

Lenovo Thinkpad W 700: Um monstre de PC portable! **Le Monde Numérique**, Paris, 13 agosto 2008. Disponível em <www.lemondenumerique.com>. Acesso em: 13 agosto 2008.

LINGUATECA – Cetenfolha. Textos do jornal Folha de São Paulo, 1994. Disponível em <<http://www.linguateca.pt/CETEM>>. Acesso em: agosto 2007. Junho 2008.

Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa. São Paulo: Editora Melhoramentos, 1998 - 2007. Disponível em <<http://michaelis.uol.com.br>> . Acesso em: agosto 2007.

MIRANDA, Neusa S. O caráter partilhado da construção da significação. *Revista Veredas*. EDUFJF. Juiz de Fora, v.5, n.1, 2001. 57-81.

Nasce Sinergie Italiane, nuovo “gigante” della distribuzione energética. **VareseNews**, Itália, 04 agosto 2008, Economia. Disponível em <www.varesenews.it>. Acesso em: 04 agosto 2008.

NEVES, M. H. M. *Gramática de Usos do Português*. São Paulo: Editora Unesp, 2000. 173-229.

PERINI, M. *A língua do Brasil amanhã e outros mistérios*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

RIBEIRO, B. T. & P. M. GARCEZ (orgs.). Enquadres interativos e esquemas de conhecimento em interação. In: _____. *Sociolinguística Interacional: antropologia, linguística e sociologia em análise do discurso*. Porto Alegre: AGE, 1998. 120-139.

SAEED, J. *Semantics*. 2nd ed. Oxford: Blackwell, 2003.

SALOMÃO, M. M. M. Implantação do projeto Framenet 2007. inédito.

SARDINHA, T. B. *Lingüística de Corpus*. São Paulo: Editora Manole, 2004.

SCOTT, Mike. Wordsmith Tools. Versão 4.0. Liverpool: Oxford University Press, 1996. Disponível em <www.lexically.net/wordsmith/>. Acesso em: agosto 2007.

SILVA, A. S. da. A Lingüística Cognitiva. Uma breve introdução a um novo paradigma em Lingüística. *Revista Portuguesa de Humanidades I*, Braga: Faculdade de Filosofia da U.C.P. 1997. 59-101.

_____ *O Mundo dos Sentidos em Português. Polissemia, Semântica e Cognição*. Coimbra: Edições Almedina, 2006.

SILVA, José Romerito. Aspectos semântico-cognitivos da intensificação. Gragoatá (UFF), v. 17, p. 201-218, 2006.

TOMASELLO, M. *Origens Culturais da Aquisição do Conhecimento Humano*. Tradução Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

TRAUGOTT, E. C. The concept of construcional mismatch and type-shifting from the perspective of grammaticalization. *Cognitive Linguistics*. 2007. p.523-557

ANEXO